



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Título: Constrangimentos e desafios no processo de implementação do currículo na Educação Pré-escolar em S. Tomé e Príncipe.

Augusta Maria Cravid da Conceição Monteiro, N.º 38893

Orientação: Professora Doutora Ana Artur Marques

“Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação e Políticas Educativas”

Évora, Abril de 2019



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

TÍTULO: Constrangimentos e desafios no processo de implementação do currículo na educação pré-escolar em S. Tomé e Príncipe.

Augusta Maria Cravid da Conceição Monteiro

Orientação: Professora Doutora Ana Artur Marques

“Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação e Políticas Educativas”

Évora, Abril de 2019

Composição de Júri

Presidente: Professora Doutora Sara Marques Pereira

Categoria Profissional: Professora Auxiliar (Departamento de Pedagogia e Educação)

Arguente: Professora Doutora Isabel Fialho

Categoria Profissional: Professor Auxiliar (Departamento de Pedagogia e Educação)

Orientadora: Professora Doutora Ana Artur Marques

Categoria Profissional: Professora Auxiliar (Departamento de Pedagogia e Educação)

Agradecimentos

Os meus agradecimentos e reconhecimento em primeiro lugar vão à Deus, à Professora Doutora Ana Artur, pela paciência e apoio, à Professora Doutora Maria Evangelina Sota Favinha e à minha Família.

Também estendo os meus agradecimentos a Varysa Trindade pelo apoio incondicional.

E, por último, à todos os que contribuíam de alguma forma, para o sucesso do trabalho o meu profundo e eterno muito obrigado.

Dedicatória

Aos docentes e não docentes dos estabelecimentos da Educação Infantil, que dão o melhor de si, na formação da nova geração.

Resumo

Esta investigação tem como temática a implementação do currículo da educação pré-escolar em São Tomé e Príncipe e procura conhecer as percepções dos educadores de infância e responsáveis de sala, sobre esse processo. O estudo de natureza qualitativa e interpretativa teve como principal instrumento de recolha de dados a entrevista semiestruturada de modo a recolher a informação pertinente na voz dos participantes. Os participantes no estudo foram 12 responsáveis de sala de crianças dos quatro e dos cinco anos; dois por cada um jardim-de-infância por distrito, abrangendo os seis distritos de São Tomé. A escolha deve-se ao facto de cada distrito ter a sua especificidade. A partir da análise dos dados foi possível compreender que o novo currículo trouxe mudanças positivas para a prática pedagógica ao nível da abordagem de novos conteúdos e utilização de novos materiais e ainda no que diz respeito à possibilidade de trabalho colaborativo entre pares. No entanto, ainda existem alguns constrangimentos ao nível da organização do espaço das salas uma vez que o tamanho das salas é pequeno. Este estudo aponta para a necessidade de continuar a formação dos educadores de infância uma vez que se constatou que os responsáveis de sala, nem sempre têm formação pedagógica.

Palavras-chave: Educação Pré-escolar, Currículo, Formação de professores, Supervisão Pedagógica.

CONSTRAINS AND CHALLENGES IN THE PROCESS OF IMPLEMENTATION OF THE CURRICULUM IN PRE-SCHOOL EDUCATION IN S. TOMÉ AND PRÍNCIPE.

ABSTRACT

This research deals with the implementation of the Sã Tom é and Pr íncipe pre-school education curriculum and seeks to understand the perceptions of nursery teachers and classroom officials about this process. The qualitative and interpretative study had as main instrument of data collection the semi-structured interview in order to collect the pertinent information in the voice of the participants. The participants in the study were 12 room managers, one of four years and the other of five years, in six public kindergartens corresponding to the six districts of Sã Tom é From the analysis of the data it was possible to understand that the new curriculum brought positive changes to the pedagogical practice in the approach of new content and use of new materials and in the possibility of collaborative work between peers. However, there are still some constraints to the organization of the space of the rooms since the size of the rooms is small. This study points to the need to continue the

education of the educators of childhood since it was found that those in charge of the classroom do not always have pedagogical training.

Keywords: Pre-school education, Curriculum, Teacher training, Pedagogical supervision.

Índice Geral

Agradecimentos	4
Dedicatória.....	5
Resumo	6
ABSTRACT	7
Lista de Siglas.....	11
Introdução.....	12
Capítulo I.....	15
Enquadramento Teórico	15
1. Algumas perspectivas sobre o currículo	16
1.1. O currículo para a educação Pré-escolar.....	19
2. Projectos e reformas educativas para a educação pr é-escolar em São Tom é e Pr íncipe	22
2.1. O Programa Acelerar o Desempenho Educativo 2015-2018 (PADE)	25
2.2. O Plano Estratégico da Direcção da Educação do Pré-Escolar em STP	26
2.3. O Currículo da educação pr é-escolar em S. Tom é e Pr íncipe	27
3. O Contexto Histórico da educação pr é-escolar em STP	33
4. A formação de Educadores de Infância em STP	36
4.1. A Formação Inicial.....	36
4.2. A formação contínua	39
4.3. A formação dos Educadores e Auxiliares Pedagógicos (imersões para Brasil)	41
4.4. A Formação à distância através de videoconferência.....	43
4.5. A formação pela equipa da PUC- Rio em STP	44
5. A Supervisão pedagógica em STP e as reuniões preparação metodológicas.....	46
5.1. As reuniões de preparação (RPM) na supervisão da prática educativa	48
Capítulo II.....	49
Metodologia.....	49
1. Procedimentos metodológicos	50

2. <i>Objetivos do estudo</i>	51
3. <i>Seleção dos Participantes</i>	52
4. <i>Instrumentos de recolha de dados</i>	53
4.1. Análise documental	53
4.2. Entrevista semi-estruturada	53
5. <i>Técnicas de tratamento de dados</i>	56
5.1. Análise de conteúdo	56
CAPÍTULO III	57
Apresentação, Análise e Discussão dos Dados	57
1. <i>Caracterização dos Participantes</i>	58
1.1. Os Educadores de Infância	58
2. <i>Análise das entrevistas</i>	62
2.1. Percepções dos participantes “sobre a implementação do currículo”	62
2.2. Dificuldades e aspetos positivos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica.....	66
2.3. Apoio para a operacionalização do currículo	68
2.4. O papel da supervisão pedagógica no apoio à implementação do currículo	70
2.5. Necessidades de formação.....	73
Conclusões.....	75
Bibliografia.....	79
Apêndice I – Exemplo de entrevista.....	82
Apêndice II – Pedido de autorização para recolha de dados	86
Apêndice III – Transcrição das entrevistas.....	87
Anexo I	132

Índice de Quadros

Quadro 1: Quadro 1	34
--------------------------	----

Índice de Tabelas

Tabela 1: Participantes no estudo	52
Tabela 2: Guião de entrevista	54

Tabela 3: Género dos entrevistados	58
Tabela 4: Faixa et ária que leciona	58
Tabela 5: Fun ção que desempenha	58
Tabela 6: Habilita ções acad énicas dos entrevistados	59
Tabela 7: Tempo de servi ço dos educadores / auxiliares pedag ógicos	59
Tabela 8: Tempo de servi ço no mesmo Jardim de Inf ância	60
Tabela 9: Participa ção em sess ões de forma ção, no âmbito da implementa ção do curr ículo para a Educa ção Pr é-escolar	60
Tabela 10: Tempo de trabalho com o novo curr ículo na Educa ção Pr é-escolar	60
Tabela 11: Perce ções dos educadores sobre o curr ículo.....	62
Tabela 12: Dificuldades e aspetos positivos na implementa ção do curr ículo	66
Tabela 13: Apoios para a operacionaliza ção do curr ículo.....	68
Tabela 14: O papel da supervis ão no apoio à implementa ção do curr ículo	70
Tabela 15: Necessidade de forma ção	73

Índice de figuras

Ilustra ção 1: Exemplo de rotina de um dia	30
Ilustra ção 2: Pentagrama dividido por área de conhecimento contida no curr ículo.....	31
Ilustra ção 3: Modelos de pentagramas utilizados no curr ículo	32

Índice de Anexos

Link Web Site 1:.....	132
-----------------------	-----

Lista de Siglas

MECF - Ministério da Educação Cultura e Formação

MECCC - Ministério da Educação Cultura Ciência e Comunicação

STP - São Tomé e Príncipe

DEPE – Direção da Educação Pré-Escolar

EPE - Educação Pré-Escolar

EPT - Educação Para Todos

CPD - Centro de Formação Didático

EFOPE - Escola de formação de Professores e Educadores

RAP - Região Autónoma de Príncipe

UA - Universidade de Aveiro

PADE – Programa Acelerar Desenvolvimento Educativo

ISP- Instituto Superior Politécnico

RPM- Reuniões de Preparação Metodológicas

GVC- Grupo Voluntário Civil

Introdução

Os últimos anos em São Tomé e Príncipe, no quadro dos objetivos de desenvolvimento sustentável, têm sido caracterizados por alterações ao nível do sistema educativo, nomeadamente ao nível da educação pré-escolar. No quadro mais amplo do Programa 2022 (Carta Política Educativa, 2012) a educação pré-escolar é hoje umas das prioridades do sistema educativo sã-tomense.

Como dizem Formosinho e Machado, (2016) “transformações sociais conduzem ao aprofundamento do conceito de educação democrática, exigiram que a escola se reestruturasse para garantir a igualdade de acesso e sucesso de todas as crianças e jovens”. Um outro elemento a salientar no processo de uma educação de qualidade é a existência de orientações curriculares, pois o currículo é o meio onde está proposto o caminho e a orientação da prática pedagógica.

Assim sendo, reconhecida a grande importância de um currículo, o Ministério da Educação sã-tomense começou no ano de 2012 um processo de reforma curricular para a

educação pré-escolar (EPE), que culminou em 2017 com a implementação do novo currículo, dirigido a crianças dos 4 e 5 anos. Podemos então dizer que está em curso o trabalho de construção de uma educação pré-escolar que necessita ser acompanhada de uma estratégia de melhoria da qualidade da oferta educativa, contribuindo por sua vez para a qualidade das aprendizagens das crianças na faixa etária referida, mas também para melhorar as condições de acesso das crianças ao 1.º ciclo do ensino básico, nomeadamente para a diminuição das taxas de repetência nos primeiros anos da escolaridade básica (Portugal, 2012, p.123).

Sabemos hoje que uma educação pré-escolar de qualidade tem impactos ao longo da vida, contribuindo para minimizar as desvantagens sociais e culturais das crianças que a frequentam. A investigação realizada sobre a educação pré-escolar alerta para a qualidade das respostas educativas destinadas às crianças uma vez elevam a sua auto-estima e o conhecimento que têm sobre o mundo (Formosinho, 2007).

A par com a necessidade de criação de uma educação pré-escolar capaz de responder aos interesses e necessidades das crianças, está a necessidade da formação permanente dos educadores de infância. Sabemos que um dos aspetos fundamentais no processo de desenvolvimento de uma educação de qualidade, está ligado à formação do pessoal docente (Day, 2001). Nesta perspectiva a formação dos educadores de infância será um aspeto a considerar quando se fala em desenvolvimento do currículo para a educação pré-escolar.

Segundo Bolfer (2008) citado por Alarcão e Tavares, (2003) o modo como os programas de formação se organizam é de enorme importância para a sua adequação aos contextos profissionais, sobretudo em contextos caracterizado pela mudança. Por outro lado, as práticas formativas devem estar centradas na ajuda ao professor no sentido de este ser capaz de analisar a sua própria acção, interpretá-la e compreendê-la para a poder adequar às necessidades dos contextos.

No entanto, apesar de inúmeras formações destinadas aos educadores de infância que têm acontecido em São Tomé e Príncipe, parece que ainda persistem várias dificuldades na operacionalização do currículo para a educação pré-escolar, nos contextos de Jardim-de-infância. Esta situação, reportada frequentemente pelos responsáveis de sala, durante as reuniões de planificação quinzenal em que participamos enquanto supervisoras, leva-nos a tentar compreender o porquê dessa situação.

Neste sentido, a questão que se coloca é sobre como o processo de implementação do currículo está a ser compreendido pelos educadores e o modo como os agentes educativos trabalham com as crianças nos Jardins-de-infância. É verdade que para a implementação do currículo para a educação pré-escolar se tornava necessário a capacitação dos educadores, o que tem acontecido, através de formação contínua, mas nem por isso, deixaram de existir constrangimentos que impedem a melhor implementação.

Através do contacto directo com educadores e auxiliares pedagógicos temos constatado que parece haver alguma inquietude neste processo e que a implementação do currículo tem suscitado algumas dificuldades nomeadamente ao nível da integração das áreas de conhecimento e do conhecimento sobre algumas áreas de conteúdo como, por exemplo, o meio físico, a expressão e arte e a expressão e movimento.

Perante o exposto, é nosso interesse desenvolver um estudo que permita identificar e compreender quais **os Constrangimentos e desafios no processo de implementação do currículo na educação pré-escolar em S. Tomé e Príncipe.**

Sendo assim organizamos o trabalho em três capítulos, a saber:

No Capítulo I referente ao enquadramento teórico apresentamos algumas definições e vários significados sobre currículo tentando clarificar o contexto da temática do estudo.

No Capítulo II apresentamos a metodologia da investigação deste estudo, definimos o problema e os objectivos bem como os procedimentos metodológicos que utilizamos para alcançar os objectivos.

O Capítulo III diz respeito à apresentação e análise dos dados, assim como a discussão sobre os mesmos. É feita a caracterização das participantes e análise das entrevistas.

Para finalizar o estudo apresentamos as considerações finais identificando os constrangimentos e desafios do estudo.

Capítulo I

Enquadramento Teórico

1. Algumas perspectivas sobre o currículo

Para situarmos o currículo recém-implementado na educação pré-escolar consideramos importante apresentar algumas definições para que possamos compreender melhor a perspectiva utilizada em São Tomé e Príncipe. O currículo é um conceito polissémico e como tal necessário torna-se conhecer o ponto de vista de alguns autores. A sua definição e concepção estão relacionadas com um determinado contexto histórico, cultural, social e retrata o conjunto de intervenções desenvolvidas na escola para criar contextos promotores de aprendizagem.

Pacheco (2001, p.15,16), explicita que o termo currículo, proveniente do verbo latino *currere*, significa caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir, encerra, duas ideias principais, que são a “sequência ordenada” e “a totalidade de estudos”, com base nas quais se “manifesta (...) um conceito de currículo definido em termos de projecto, incorporado em programas/planos de intenções, que se justificam por experiências educativas, em geral, e por experiências de aprendizagem, em particular”.

Nesta ordem de ideias, “o currículo pode ser compreendido como um processo vivido capaz de transformar as pessoas que o percorrem” (Young, 2010). Isto significa que o

currículo está associado ao conhecimento em construção, que não é linear. Segundo Pacheco (2001, p.20) o currículo é “um projecto, cujo processo de construção e desenvolvimento é interactivo, implica unidade, continuidade e interdependência entre o que se decide ao nível do plano normativo, ou oficial, e ao nível do plano real, ou do processo de ensino-aprendizagem”.

Para Roldão (2002) o currículo é “um conjunto de situações, aprendizagens proporcionadas ou dinamizadas pela instituição escola, para a promoção de um leque variado de aprendizagens, que incluem a aquisição de conhecimento, o desenvolvimento de competências, a promoção de valores e a vivência de práticas” Roldão (2002, p. 84). Mas não pode ser “um uniforme pronto-a-vestir de tamanho único (...) um elenco de conhecimentos, que são ensinados, agrupados em disciplinas pois essa visão é simplista e redutora da mais-valia de um currículo, enquanto instrumento de trabalho do professor com os alunos.” (Formosinho, 2007, p.19)

Fullan e Hargreves (2000) citado por Duarte (2014) sustentam que “as orientações rígidas e impostas acerca do currículo podem afectar as relações entre os docentes. Segundo os autores, um currículo inflexível, organizado numa estrutura vertical, de cima para baixo, pode colocar em risco os processos colaborativos necessários a uma boa gestão curricular. Afinal o importante é que a escola, enquanto organização, e na interacção com os docentes, possa proceder à gestão partilhada e participada do currículo em função das necessidades diagnosticadas no contexto”.

Nas palavras de Formosinho e Machado (2016 p. 24), “O sucesso escolar de todos e cada um dos alunos concretiza-se através do currículo oferecido, cuja qualidade passa pela diversificação e flexibilização curricular, organizacional e pedagógica, por avaliações formativas, pela individualização dos percursos de aprendizagem e de apoios pedagógicos dos alunos tendo em conta as suas características e contextos, bem como pela oferta de formas complementares ou alternativas que respondam a interesses dos alunos e a solicitações da comunidade envolvente”.

Esta ideia remete para a necessidade de o currículo ser um instrumento dinâmico e flexível, capaz de responder às necessidades dos alunos, por oposição ao dito “*uniforme pronto-a-vestir de tamanho único*” (Formosinho, 2007, p.19), que tem as seguintes características:

- Planeado centralmente por um grupo de “iluminados” (iluminismo);
- Adaptado e mandado executar pelos serviços centrais (centralismo);
- Integrado por um saber fragmentado à maneira de “um pouco de tudo” (enciclopedismo).
- Uniforme para todos os alunos, todas as escolas e todos os professores, independentemente das características e aptidões dos que os transmitem e dos que o recebem e das condições da sua implementação (uniformismo);
- Preparatório para o grau escolar imediatamente superior (sequencialismo) (idem).

Estamos pois perante uma concepção de currículo indiferente ao contexto, que tem subjacente a prescrição e a ideia de verticalidade no sentido de cima para baixo. Ou seja, um currículo definido superiormente que pretende uniformizar todo o processo de ensino sem ter em consideração os alunos e os professores. Ora, como nos diz Roldão (2011) a construção do currículo joga-se no campo do contexto da escola pois “ (...) *é no campo da ação curricular concreta e na prática docente quotidiana que se joga a qualidade educativa e o sucesso da aprendizagem*” (Roldão, 2011, p.123). Caberá então aos docentes a responsabilidade e o poder de construir com os seus alunos aprendizagens significativas orientadas pela dimensão cultural e social da escola. Para tal, será necessário que se empenhem e envolvam na operacionalização do currículo de acordo com as circunstâncias particulares dos alunos e crianças e com as características dos contextos educativos em que participam (Leite, 2003). Mas como refere Alonso (2002, p.85)

Levanta-se aqui o problema de como conjugar um currículo nacional, caracterizado por uma conceção homogénea e hegemónica do conhecimento, com a sua necessária adequação à diversidade cultural, social e pessoal, própria das diferentes histórias culturais que hoje se cruzam e encontram no espaço escolar, tomando a aprendizagem mais relevante e, simultaneamente, facilitando o acesso a saberes universais e valorizados socialmente.

Esse será o desafio dos professores que se deseja que sejam autónomos, capazes de tomar decisões reflectidas, quer individualmente, quer de modo mais apoiado, com os seus pares. Requer dos agentes educativos conhecimentos sobre os processos de aprendizagem e capacidade de liderança para que em conjunto possam contribuir para uma escola com mais qualidade.

Segundo Zabalza (1997) o currículo

O conjunto dos pressupostos de partida, das metas que se deseja alcançar e dos passos que se dão para a alcançar" (1997, p.14). Nesta perspectiva o currículo abrange um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que se consideram importantes e que constituem as opções de cada educador/professor na sua atividade quotidiana. Por isso, falar de currículo é falar de um conjunto de opções que cada profissional adota na sua acção educativa.

Para o mesmo autor pode ainda englobar a noção de programa, que constitui "um conjunto de prescrições oficiais, relativamente ao ensino [conjunto de conteúdos, objectivos...], emanado do poder central" (1997, p. 12). Nesta perspectiva curricular o educador assume-se como "consumidor de currículo", na medida em, que adota as prescrições nacionais e não as adequa às realidades locais existentes nem "constrói" novos materiais curriculares.

1.1. O currículo para a educação Pré- escolar

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo de STP capítulo VII Artigo 46.º; "A organização curricular da educação escolar terá em conta a promoção de uma equilibrada harmonia, nos planos horizontais e vertical, entre os níveis de desenvolvimento físico e motor, cognitivo, afectivo, estético, social e moral dos alunos" (Lei n.º 2/2003). Sugere a ideia de ensino como um processo transversal e integrador que contempla as diversas componentes do desenvolvimento da pessoa.

Os objectivos, princípios educativos e áreas de aprendizagem e desenvolvimento serão comuns a todos os serviços de educação de infância mas a forma como são postos em prática podem diferir de contexto para contexto, em função das suas próprias particularidades como as características do educador, os recursos existentes e as crianças (Referencial Curricular STP, 2012). Este aspecto, apesar de indicar a dimensão comum do currículo não deixa de atribuir importância aos factores contextuais, e sugere que o educador de infância deverá ter autonomia na concretização de propostas decorrentes de situações emergentes. Então, não se trata de estabelecer conteúdos a serem aprendidos, mas, sim, de oportunidades a serem oferecidas aos pequenos (Yamamoto, 2015).

Relativamente à Educação Pré-escolar, a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 2/2003) afirma que o pré-escolar é complementar da acção educativa da família com a qual estabelece estreita parceria. No seu artigo 5.º, define como objectivos da EPE, os seguintes:

- a) Favorecer a observação e a compreensão do meio natural e humano para melhor integração e participação da criança;
- b) Contribuir para a estabilidade e segurança afectiva da criança;
- c) Estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades;
- d) Desenvolver a formação da criança e o sentido da responsabilidade, associado ao da liberdade;
- e) Fomentar a integração da criança em grupos sociais diversos, complementares da família tendo em vista o desenvolvimento da sociabilidade;
- f) Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a actividade lúdica;
- g) Incutir hábitos de higiene e de defesa da saúde pessoal e colectiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança.

Segundo Haddad (2014), existem duas grandes perspectivas para a Educação Infantil relativamente ao currículo: currículo prescrito e currículo holístico. Na perspectiva prescritiva, o principal objectivo da Educação Infantil é a preparação para a escola. A referência é o ensino fundamental, ou seja a escola enquanto espaço de aprendizagem formal. É como se ser professor consiste em adoptar os mesmos procedimentos do referencial de escola que temos historicamente: dar a lição, ensinar letras e números e garantir a ordem. Tem-se uma abordagem mais académica, mais centrada no professor. O entendimento de aprendizagem sequencial e linear é uma característica desta perspectiva, na qual o currículo obedece também a um conjunto de conteúdos que se desdobram dos mais simples para os mais complexos. O ensino é considerado a transmissão de conhecimentos e a criança assume uma posição passiva de recepção do que o professor debita. No currículo prescrito há um conjunto de objectivos ou metas a alcançar, num determinado tempo.

Já o currículo holístico, na perspectiva de Haddad (2014) tem como pressuposto que a aprendizagem se dá ao longo da vida e que o currículo deve apoiar o desenvolvimento e os interesses das crianças. As brincadeiras, as interacções e os projectos realizados através da

escuta atenta e da consideração das manifestações infantis são os pilares desse currículo. Entende-se que a criança é um todo, é corpo, mente, emoção, criatividade, história e identidade social. Isto significa que o professor deve partir do conhecimento prévio das crianças e a partir dele estabelecer ligações com os conteúdos curriculares a cumprir. A criança é aqui entendida como sujeito activo no seu processo de aprendizagem e não como um mero receptor da transmissão de conteúdos. Considera-se pois a aprendizagem como um movimento não linear, mas antes como um processo de construção partilhada de significados.

Neste sentido, o termo “currículo” refere-se ao conjunto de actividades, experiências, situações que ocorrem num determinado contexto com vista à aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Tais actividades, experiências ou situações podem ser pensadas e planeadas previamente e também podem surgir de forma espontânea em resposta a situações ou acontecimentos particulares (Haddad, 2014).

Os objectivos, princípios educativos e áreas de aprendizagem e desenvolvimento serão comuns a todos os serviços de educação de infância mas a forma como são postos em prática podem diferir de contexto para contexto, em função das suas próprias particularidades (características do educador, recursos existentes, etc.). Também diferentes contextos, comunidades, famílias, culturas ou subculturas poderão exigir adequações curriculares específicas, sendo importante o estabelecimento de relações positivas entre a família e a creche ou jardim-de-infância. Ainda, um currículo para a infância não pode deixar de reconhecer que existe uma larga variação nos ritmos e tempos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Cada criança é única e irrepetível, sendo importante que o currículo atenda a diferentes necessidades, Capacidades e interesses das crianças. (Portugal, 2012,p.128).

2. Projectos e reformas educativas para a educação pré-escolar em São Tomé e Príncipe

É certo que o mundo vive uma constante mudança e a educação como vector desta mudança, não pode parar no tempo. É preciso que a educação acompanhe as mudanças e as mutações que a sociedade vem sofrendo ao longo do tempo.

A educação em STP é uma educação herdada dos colonos que ao longo dos tempos tem procurado encontrar um padrão nacional, preocupado com o futuro de São Tomé e Príncipe e como não nos podemos esquecer que estamos ligados ao mundo, cada vez mais se torna necessário uma reforma na educação; pois como diz Nelson Mandela, a educação é a arma poderosa para mudar a sociedade.

Neste sentido, em 2002 deu-se início a reforma no sector da educação, com objectivos de alargar a Educação para todos no quadro do programa mundial Educação Para Todos (EPT, 2002 – 2015).

Portanto, compete evidentemente ao Governo apreciar as análises realizadas e as conclusões obtidas no presente relatório e examinar as suas implicações em termos de acções de política educativa. De acordo com o relatório Avaliação das Competências da Crianças à entrada no Ensino Básico em São Tomé e Príncipe existem três pontos que devem ser considerados:

1. O primeiro elemento é que as actividades Pré-escolares têm um impacto forte comprovado na preparação das crianças para a entrada no ensino primário e, posteriormente, na sua escolarização bem-sucedida no decurso deste ciclo de estudos, importa, pois, procurar alargar tanto quanto possível e tão rapidamente quanto possível a cobertura do Ensino Pré-escolar no país no sentido da sua universalização;
2. O segundo elemento é que convém certamente adoptar o modelo com dois anos de pré-escolarização (em vez de três), na medida em que o terceiro ano não traz verdadeiramente valor adicional. Permitindo esta medida reduzir as despesas por criança pré-escolarizada sem afectar grandemente as aprendizagens, ela viria contribuir positivamente para a consecução do ponto precedente;
3. Na sequência dos pontos precedentes, os resultados obtidos incitam a considerar que, se o desempenho quantitativo do sistema de Educação Pré-escolar de São Tomé e Príncipe é relativamente bom em comparação com os países da região, podem ser realizados progressos importantes. Estes dizem respeito a melhorias em termos de Conteúdo, de modos de organização formal e de modalidades de acompanhamento e de gestão, sabendo que estes três aspetos valem para o conjunto do sistema (Relatório 2015, pp.67,68).

No que se refere ao conteúdo, é de considerar um reforço da dimensão cognitiva. Pode evidentemente dizer-se que tal vale, nomeadamente, para os aspetos de quantidade e tamanho, bem como para o que se refere ao ritmo e à codificação/transferência, dada a sua importância para a aprendizagem da leitura. Mas, para além deste ou daquele aspecto específico, é sem dúvida, fundamentalmente à remodelação dos conteúdos programáticos que os resultados apelam, sabendo-se que uma faceta significativa desta reforma curricular seja aplicada e implementada em todas as estruturas pré-escolares do país (Mahjoub, 2015).

Neste contexto embora esteja instalada uma prática de reunião quinzenal de todos os educadores/auxiliares e de discussão e planificação conjunta, a maioria das práticas e rotinas dos contextos de infância está instalada por hábito, as pessoas não refletindo ou questionando a sua manutenção. Muitas planificações são pouco funcionais e muito pobres, predominando o aspeto formal em detrimento dos aspetos de conteúdo ou essência da planificação, sendo evidente a importância de um referencial curricular que dê sentido às práticas pedagógicas. A

melhoria das planificações e da intencionalidade educativa é uma necessidade sentida por todos os envolvidos – saber “porquê fazer, como e o quê” em contextos de infância. (Portugal. 2012, p.123).

Foi assim que a UNICEF em parceria com o Ministério da Educação Cultura e Formação (MECF) lançou um concurso internacional para elaboração de uma proposta curricular para a educação de infância em São Tomé e Príncipe (STP) compreendendo as faixas etárias dos 0-3 e dos 3-5 anos e integrando um conjunto de elementos considerados organizadores do processo pedagógico e desenvolvimento curricular, a discutir, adequar e validar pelos responsáveis da equipa do departamento de Educação Pré-escolar do MECF. Como resultado desse concurso internacional veio a efectuar-se uma contratualização com a Universidade de Aveiro (UA), cujo serviço de consultoria foi assegurado pela autora deste texto. Iniciou-se a consultoria com uma primeira missão decorrida no período de 28 de Outubro a 11 de Novembro de 2011 em que se procurou caracterizar e analisar a realidade da educação de infância santomense. Assim, para além do objectivo de conhecer documentação e trabalhos já desenvolvidos no âmbito da Educação de Infância, na primeira missão em STP procurou-se, para além de conhecer os espaços educativos, expectativas e valores educativos dos educadores auxiliares pedagógicos, estabelecer um diálogo e reflexão em conjunto com membros da equipa da Educação Pré-Escolar (EPE) do Ministério da Educação, Cultura e Formação (MECF) sobre finalidades educativas e abordagens pedagógicas em educação de infância. Houve reuniões com a equipa responsável pela EPE do MECF de STP, educadores, coordenadores e outras figuras-chave da comunidade educativa local, bem como visitas a diferentes creches e Jardins-de-infância (JI) e algumas salas do 1.º ano da Educação Básica, ganhando-se uma maior consciência sobre dificuldades e recursos existentes. Procedeu-se também à consulta de documentação diversa relativa à educação pré-escolar em STP acedendo-se a uma visão alargada da ecologia da infância.

Todo esse processo que culminou com a elaboração do Referencial curricular para Educação Pré-Escolar de STP que posteriormente que serviu de base para elaboração do currículo.

2.1. O Programa Acelerar o Desempenho Educativo 2015-2018 (PADE)

Após uma profunda análise da situação da educação em STP, e várias avaliações levadas a cabo, estas apontaram para o insucesso da educação. Estes insucessos estavam alinhados ao aproveitamento dos alunos que tende a diminuir; alguns alunos de algumas escolas do ensino básico permanecem analfabeto após dois ou três anos de escolaridade e as taxas de repetência e de abandono escolar continuam ainda altas em todo o sistema, sobretudo no ensino secundário, gestão escolar ineficazes, o excesso de número de alunos por turma, a taxa ainda elevada de professores pouco qualificados e a carência de manuais e materiais pedagógicos aparecem como grandes causas desta situação.

Tendo em conta estes e outros constrangimentos que afectavam o sector da educação, levou com que o Ministério de Educação Cultura, Ciência e Comunicação elaborasse um programa com objectivo de debelar os problemas que este sector enfrenta.

Assim sendo, O Programa Acelerar o Desempenho Educativo (PADE) é um instrumento de planeamento do Ministério da Educação, Cultura e Ciência (MECC) que orienta a execução para o sector da educação, sobretudo para a educação Pré-Escolar, e dos ensinos Básico e Secundário. (PADE 2015- 2018).

2.2. O Plano Estratégico da Direção da Educação do Pré-Escolar em STP

O Governo santomense reconhece que um aluno pré-escolarizado tem melhor preparação para entrar no 1º ciclo do Ensino Básico, apresentando melhores resultados no percurso escolar, (menor risco de repetência e de abandono, melhor nível de aquisição dos conteúdos programáticos).

Portanto a revitalização da pré-escolar passa por, entre outras, adopção de medidas robustas, nomeadamente: a garantia de acesso a educação pré-escolar de qualidade, universal e gratuito com vista a eliminação de disparidades ligadas à situação geográfica e nível de vida das famílias das crianças; adopção de documentos jurídicos que regularizam o funcionamento; diversificação das fontes de financiamento; incentivo a criação de serviços privados; gestão descentralizadas; formação inicial, continua e em exercício.

Esta revitalização passa também pela implementação do novo currículo que fará face a melhoria do ensino/ aprendizagem.

Portanto, investir na expansão de uma educação pré-escolar de qualidade para todas as crianças sem excepção, irá garantir uma educação de qualidade almejada por todos (Carta Política Educativa, 2012).

2.3. O Currículo da educação pré-escolar em S. Tomé e Príncipe

No Artigo 127º referente a competências, a Direcção da Educação Pré-escolar tem por missão assegurar a concretização das políticas relativas à componente pedagógica e didáctica de educação Pré-escolar e da educação extra-escolar, prestando apoio técnico à sua formulação, acompanhamento e avaliando a sua concretização.

Ainda no mesmo artigo alínea 2.c), concernente a atribuição diz o seguinte: “*define objetivos e linhas de orientação curricular.* (Diário n.º76, 2016)

Na infância lançam-se as bases do desenvolvimento nos seus diversos aspectos físicos, motores, sociais, emocionais, cognitivos, linguísticos, comunicacionais, etc. sendo a autonomia o sinal de desenvolvimento que se vai construindo em todos os instantes, num todo complexo que é “a pessoa”, articulando todas essas dimensões.

Do que sabemos acerca da forma como a criança aprende e se desenvolve derivam princípios educativos que enfatizam a natureza global da aprendizagem e desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, o valor de experiências activas e significativas, a importância do desenvolvimento da linguagem, expressão e conceptualização, o papel crucial de outras crianças e adultos no desenvolvimento das crianças (Referencial Curricular STP, 2012,).

Qualquer que seja o nível de ensino, necessário é conhecer as necessidades de aprendizagem a fim de definir as metas de aprendizagem. Em tempos a educação Pré-Escolar para elaborar plano de orientação pedagógica, reunia coordenadores de jardins e creches e os metodólogos para o elaborarem. Entretanto, não obedecia um modelo pedagógico, e após avaliação das competências das crianças chegou - se a conclusão de que muitas competências sobretudo as cognitivas. Neste âmbito, e dada a grande importância de uma orientação curricular, para o desenvolvimento das actividades pedagógicas, foi feito em primeiro lugar um diagnóstico, elaborado em segundo um referencial curricular para definir as metas e conhecer as necessidades de aprendizagem das crianças, e por fim a construção do currículo. Como refere Day à implementação do currículo *“A utilização do currículo de ciências pode levar à aprendizagem dos professores e ao seu desenvolvimento profissional. A implementação de novos currículos pressupõe que os professores adquiram novas experiências na sala de aula, impulsionando mudanças nas suas práticas e a novas aprendizagens”*. (Day 2001 p.44)

Em STP a estrutura do currículo do Pré-Escolar, foi elaborado com base no modelo construtivista, isto é, “aprendizagem por soluções de problemas,” uma espécie de estratégia de ensinar desenvolvida de forma individual ou em pequenos grupos, na qual há uma grande ênfase na compreensão de como a criança pensa e como a criança aprende quando está diante de uma situação de impasse, seja ela simples (como para uma criança saber onde caiu a bola que jogou) ou mais complexo (como distribuir os brinquedos por forma ou cor).

Ela se centra na observação das acções da criança, nas suas formulações, em como se expressa para explicar de que modo chegou a determinados resultados, porque agiu de tal modo, etc.

Por isso, considera-se essencial esta forma didáctica de conduzir a aprendizagem com as crianças de quatro e cinco anos, porque as leva a terem interesse pelo que é proposto, terem a possibilidade de irem, além do que é ensinado, desenvolverem ao mesmo tempo a autonomia e a aprendizagem colaborativa, ficando, portanto, mais preparadas a usar convenientemente as estruturas de conhecimento. Na verdade, este modo de trabalhar não é específico para a Educação de Primeira Infância, mas para todo o Ensino Fundamental, podendo chegar a ser adoptado em níveis acima, tanto no Ciclo Básico como no Ensino Superior (Currículo STP, 2012, p.19).

Com vista a melhoria da aprendizagem das crianças, considera-se que o currículo proposto:

- a) Apresenta conteúdos vivos e concretos, portanto, indissociáveis da realidade social.
- b) Dá especial ênfase para as relações entre os conteúdos e as possíveis significações para os alunos.
- c) Assimila os desdobramentos metodológicos necessários para cada criança de quatro e cinco anos.

Relativamente à duração o currículo é desenvolvido ao longo de: oito meses lectivos, e contém oito unidades de conteúdo, sendo um para cada mês lectivo. Cada unidade de conteúdo engloba quatro semanas de cinco dias, sendo que para cada dia há sete módulos de atividades.



As unidades do currículo desdobram-se pelas áreas do conhecimento – Linguagem, Matemática, Meio físico social, e Expressões (Arte e Movimento), segundo as competências e habilidades definidas. Contêm:

O quadro de conteúdos das áreas do conhecimento para a faixa etária segundo as competências e habilidades definidas; o quadro de intencionalidades (habilidades e competências) para serem consideradas nas unidades (Anexos I,II, III).

Para cada unidade, foram sugeridas actividades para o dia-a-dia segundo o conteúdo das áreas do conhecimento, levando-se em consideração as competências e habilidades definidas.

Assim, cada dia da semana é composto por sete módulos de atividades, ou seja, a rotina

Ilustração 1: Exemplo de rotina de um dia

DIA 2	
ATIVIDADE LIVRE 7h - 7h30	
ACOLHIMENTO 7h30 - 8h	
ATIVIDADE INICIAL 8h - 9h	
LANCHE 9h - 9h30	
ATIVIDADE DE INTEGRAÇÃO DAS ÁREAS DE CONHECIMENTO 9h30 - 10h10	
<p>Áreas de Conhecimento: Expressões – Movimento > Matemática > Linguagem</p> <p>Metodologia e Atividade: O meu corpo em movimento, por meio de brincadeira de deslocamento de um objeto pelas crianças, de acordo com o comando do educador.</p> <ul style="list-style-type: none">• O educador posiciona as crianças em círculo, sentados no chão.• A seguir, entrega a uma criança um objeto, que pode ser uma bola.• Inicia uma canção e pede que as crianças passem o objeto de mão em mão. Quando ele parar de cantar (repentinamente, durante a canção), quem estiver com o objeto na mão terá que se levantar e ir para perto dele para cantar também, formando ao final da brincadeira um coral de crianças e educador.• Se a turma for grande, podem ser formadas duas ou três rodas, mas todos seguirão um único comando.	
ATIVIDADE EXTERNA LIVRE 10h10 - 10h40	
ATIVIDADE DE INTEGRAÇÃO DAS ÁREAS DE CONHECIMENTO 10h40 - 11h20	
<p>Áreas de Conhecimento: Expressões - Arte > Meio Físico e Social > Linguagem</p> <p>Metodologia e Atividade: Trabalhar a linguagem da música.</p> <ul style="list-style-type: none">• O educador escolhe um(a) artista local e conversa com as crianças sobre as músicas que ele(a) canta/compõe (se for o caso).• A seguir, conversa com as crianças sobre essa profissão e pergunta se elas conhecem algum cantor ou cantora de São Tomé ou de Príncipe.• Escreve no quadro os nomes que surgirem, destacando o nome do(a) cantor(a) escolhido(a), chamando a atenção das crianças para as primeiras letras de cada nome escrito.• Em conjunto com as crianças escolhe uma música para todos cantarem e dançarem juntos.• Escreve no quadro o nome da música, chamando a atenção das crianças.• Uma variação da atividade é escolher uma música tradicional do país ou do folclore são-tomense ou de Príncipe.	

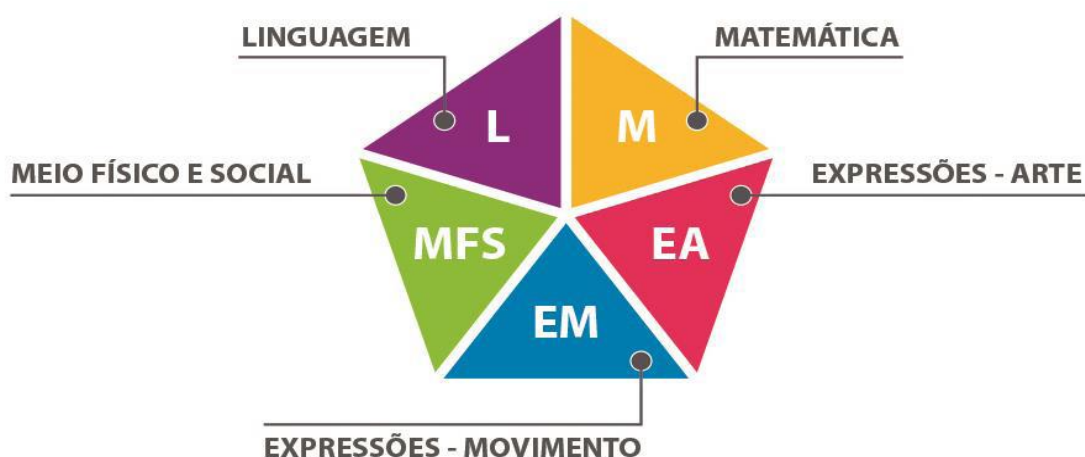
Fonte: LIDE/DAD/PUC 1

O tempo de atividade livre diz respeito ao tempo de recreio antes do início das atividades na sala. No **tempo de acolhimento** “o educador ajuda os alunos na higiene diária (...) promove à entrada na sala e a acomodação nas mesas e cadeiras. Pode, ainda, realizar uma atividade de relaxamento” (Couto, Mamede-Neves, Portas & Ribeiro, 2016, p.212). Na designada **atividade inicial** é proposta um tempo de conversa em grande grupo para “ (...) incentivar a participação dos alunos em situações de intercâmbio social nas quais ele possa contar suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas” (Couto et al. 2016, p.213). É um momento da rotina diária que pode integrar “apresentação do calendário (...); chamada do nome dos alunos utilizando fichas de nomes; apresentação das atividades do dia escritas no quadro de giz ou em painel preparado pelo educador; marcação no calendário dos nomes dos aniversariantes do mês” (Couto et al. 2016, p.213). A **atividade de integração das áreas de conhecimento** serve de referência para abordar os conteúdos, pelo menos três, e é seguida do **lanche**. Após o lanche segue-se a **atividade externa guiada**, onde as crianças

vão para o espaço exterior e tem como intuito proporcionar às crianças “um tempo de recreação livre, mas com a presença de meios que as incentivem a brincar com brinquedos diversos, livros, jogos, cantigas etc.” (Couto et al. 2016, p.213). A manhã termina com mais uma **atividade de integração das áreas de conhecimento**.

O currículo está organizado na articulação de cinco áreas de conhecimento representado pela geometria de um pentagrama (Figura 2), cuja ideia é demonstrar a interligação entre as áreas (Couto et al, 2016).

Ilustração 2: Pentagrama dividido por área de conhecimento contida no currículo



(Fonte: currículo da Pré-escolar)

No currículo, propõem-se três modelos de diagramas que ilustram as possibilidades de integração das áreas de conhecimento, a saber:

1. Um modelo completo, no qual são apresentadas três áreas de conhecimento (uma principal e duas complementares) a actividade a ser realizada, a metodologia que guiará a actividade e sugestões de materiais didáticos. Nesse modelo, a actividade está completa.
2. Um modelo parcial, no qual é apresentada apenas uma área de conhecimento para que o educador escolha outras duas áreas complementares:

São sugeridos objectivos a serem alcançados, presentes na relação de habilidades e competências da unidade. Ao usar esse modelo, o educador parte de uma sugestão, mas necessita escolher duas outras áreas para dialogar e desenvolver uma nova actividade.

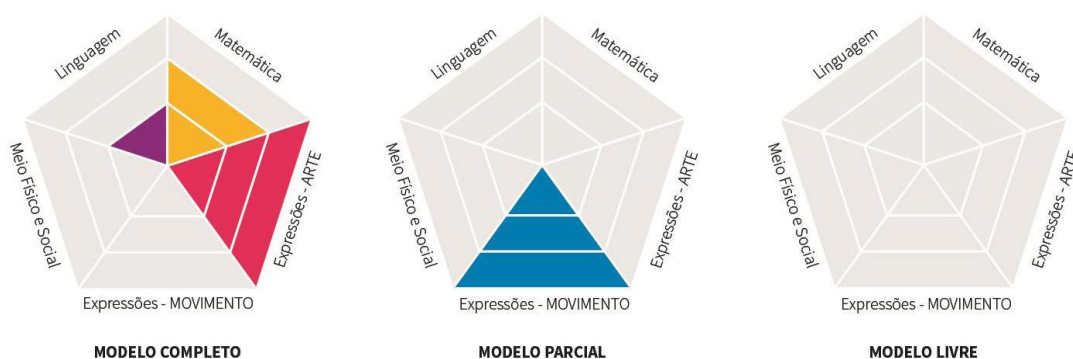
3. Um modelo livre, no qual o educador tem a possibilidade de criar seu próprio plano de aula, escolhendo as áreas, actividades e metodologia. Para criar o pentagrama da

actividade, o educador o preenche com as cores das áreas de conhecimento presentes na actividade que está sendo criada.

Na proposta curricular, propõe-se que o educador crie livremente a actividade inicial a partir da sua experiência pedagógica e das características de seus alunos.

Sugere-se que ele documente por meio de textos e desenhos as actividades idealizadas e as metodologias empregadas. Com essa providência, sua vivência em sala de aula ganhará um registro importante: o pentagrama, objecto discutido neste trabalho, que incentivar o educador a criar e registrar suas experiências para uso futuro, por ele ou por outros colegas.

Ilustração 3: Modelos de pentagramas utilizados no currículo



(Fonte: currículo da Pré-escolar)

Esta forma de distribuição, ilustrada nos diagramas, guia as actividades a serem realizadas diariamente e funciona como um balizador da presença e peso de cada área de conhecimento para cada actividade que compõe o currículo.

Pode-se afirmar que o diagrama é uma síntese visual de grande riqueza gráfica, pois por meio dele é possível representar de forma directa e simplificada a ideia de integração de conteúdos que deve nortear o trabalho na Educação Infantil.

Para além dessa ideia, ele traduz visualmente a possibilidade de realização de um trabalho efectivamente interdisciplinar, apelando para a construção de metodologias e dinâmicas que vão ao encontro, em sua essência, de uma efectiva integração de áreas de conhecimento. (Couto et al, 2016).

3. O Contexto Histórico da educação pr é-escolar em STP

São Tomé e Príncipe também teve a sua história do surgimento das creches e jardins-de-infância. A Educação Pré-Escolar criada já da época colonial (Portaria n.º 977 de 28/02/1947, reforçada portaria de 1965) apresentava na II República objectivos bem diferentes.

Enquanto nessa época visava a disponibilidade integral das mães para o trabalho nas roças e assim, o aumento da produtividade, no período pós-independência o objectivo era o desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais das crianças. Mas na II República, a privatização pelo Estado das empresas Agrícolas/ antigas roças, onde se localizava a maioria das creches, a indefinição da responsabilidade pela sua gestão, a falta de suporte físico e financeiro, a menor atenção dada a sector social, consequências da mudança de política ocorrida na época e da aplicação do programa de Ajustamento Estrutural, o seu carácter

facultativo, foram factores que contribuíam para criar fissura grave no percurso escolar das crianças, em especial no meio Rural. Esta política de subalternização do sector social conduziu ao encerramento de 90% das Creche e Jardins de Infância no ano de 1992/93.

Em 1975, a jovem República Democrática de São Tomé e Príncipe herdou do regime colonial uma educação pré-escolar relativamente desenvolvido. O regime colonial, necessitando de uma mão-de-obra feminina indispensável ao desenvolvimento da agricultura, disseminou uma rede de jardins e creches por todo o território nacional, em particular nas roças. Logo depois da independência do país, este ciclo iniciara um longo período de degradação que durou 25 anos, antes de se revitalizar a partir de 2001, graças às acções conjugadas do governo e seus parceiros e à implementação da Lei de Bases do Sistema educativo.

Em consequência dessa situação a década de 90 foi marcada por um decréscimo drástico deste tipo de estabelecimento de ensino designadas por Creche nas zonas rurais e Jardins de Infâncias nas zonas urbanas como demonstra os dados do quadro seguinte.

Quadro 1

Ano	1991/92	2000/2001
Nº de creche	148	42
Nº Jardins de Infância	10	16

Fonte: Salvaterra, Espírito Santo e Trigueiros (2002, p13)

No ano lectivo 2010/2011, os efectivos deste ciclo totalizam 8.591 inscritos contra 4.699 em 2001/2002, ou seja, um crescimento médio anual de 6,1%. Destas crianças, 6,6% são escolarizadas nas instituições privadas. Contudo, a educação pré-escolar apresenta um desempenho ainda débil, pois, apenas 1/3 (30,9%) de crianças santomenses entram neste ciclo. A qualidade de aprendizagem também deixa a desejar. A fraca qualificação dos educadores e a insuficiência de instalações estão na origem desta fraqueza. Comparado com países como Cabo Verde, com cerca de 67% de taxa de admissão a educação pré-escolar, STP ainda tem um longo percurso pela frente. (Carta Política, 2015).

Atualmente o pré-escolar com ajuda dos parceiros o cenário é outro, porque os ganhos obtidos, os objectivos alcançados pela pré-escolar, não seriam possíveis sem o apoio incondicional de alguns parceiros do MECCC que contribuíam para o desenvolvimento da Direção da Educação Pré-escolar. É pois evidente que a educação Santomense em geral não teria o sucesso que teve, se não tivesse apoios externos.

Hoje em dia, o contexto internacional da ajuda ao desenvolvimento é bastante favorável ao sector da educação. Que sejam elas as instituições bilaterais ou multilaterais de cooperação, todas consideram a educação como prioridade na luta contra a pobreza e uma alavanca importante para fazer face aos desafios do desenvolvimento sustentado. O engajamento destas instituições é espelhada através de diversos fóruns, conferências e colóquios organizados nas últimas décadas, com destaque para a Conferência Mundial de Jomtien em Tailândia, o Fórum de Dakar (Educação Para Todos), e a Conferencia Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais em Salamanca, Espanha. As directrizes dos ODM das Nações Unidas, enaltecem a educação como principal vector para a consecução destes objectivos. Para o Banco Mundial, principal doador multilateral no domínio da educação na África, a prioridade para este continente é o desenvolvimento das potencialidades humanas através do ensino maciço à educação desde a infância ao ensino superior.

Em STP, o sector educativo beneficia de apoios de vários parceiros bilaterais e multilaterais de desenvolvimento. Graças a esta parceria o país obteve resultados bastante encorajadores nos últimos anos, particularmente no ensino básico. Alcançou a escolarização básica universal desde 2011.

Com a presente Carta, considerada como o “instrumento fundamental e federador de políticas educativas e da planificação estratégica de médio e longo prazo” (Carta Política Educativa 2012, p.25), o governo dispõe de um quadro coerente de mobilização de fundos juntos dos seus parceiros.

4. A formação de Educadores de Infância em STP

4.1. A Formação Inicial

“A educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser” (Delors, 1996, p.101).

O conceito formação é geralmente associado a alguma atividade, a formação pode ser entendida como uma função social de transmissão de saberes, de saber – fazer ou do saber – ser que se exerce em benefício do sistema socioeconômico ou da cultura dominante. A formação pode também ser entendida como um processo de desenvolvimento e estruturação da pessoa que se realiza com duplo efeito de uma maturação interna e de possibilidades de aprendizagem, de experiências dos sujeitos (Garcia, 1999)

Assim, a formação de professores nada mais é do que “ensino profissionalizante para o ensino. Deste modo, não representa senão outra dimensão do ensino como atividade intencional, que se desenvolve para contribuir para a profissionalização dos sujeitos encarregados de educar as novas gerações” (Garcia,1999, p.22).

Na perspectiva de Ferry (1991) citado por Garcia (1999, p. 22,23),

A formação de professores diferencia-se de outras atividades de formação em três dimensões. Em primeiro lugar, trata-se de uma formação dupla, onde se tem de combinar a formação académica (científica, literária, artística, etc.) com a formação pedagógica. Em segundo lugar, a formação de professores é um tipo de formação profissional, quer dizer forma profissionais, o que como acabamos de ver, nem sempre se assume como característica da docência. Em terceiro lugar, a formação de professores é uma formação de formadores, o que influencia o necessário isomorfismo que deve existir entre a formação de professores e a sua prática profissional

A ideia apresentada pelo autor mostra como é exigente a formação de um professor na medida em que tem de adquirir conhecimentos muito variados quer de natureza científica, quer de natureza pedagógica. Ao mesmo tempo aponta a importância sobre o modo como a formação de professores é organizada, uma vez que vai ter influência no modo como os futuros professores vão ensinar os seus alunos.

Em STP no início dos anos 80, existiam 8 educadoras sendo quatro formadas em Cuba e quatro formadas em Portugal. Existiam ainda as encarregadas que atualmente são denominados de auxiliares pedagógicos (a pré-escolar estava vinculada ao Ministério de Trabalho e Segurança Social).

“Em termos de repartição de responsabilidade pode-se afirmar que o MEC assumia na íntegra as responsabilidades técnicas (com todos os custos que lhe são inerentes enquanto que as empresas agrícolas coparticipavam nas outras despesas.” (EPT;2002 – 2015, P.30)

Em 1983/84 com a construção do Centro de Formação Didático (CPD), atualmente Escola de Formação dos professores foram formados 70 Educadores de Infância, isto é 1º grupo de educadores de infância formados em STP terminando em 1987 com formação média na altura, isto é curso médio de educadora de Infância, da qual fiz parte.

A formação de Educadores de Infância e Monitores foi assegurada, até ao ano de 1993/94, pelo Centro Pedagógico Didático (CPD) que é uma instituição construída de raiz, equipada e tecnicamente assistida pela ONG italiana grupo voluntário civil (GVC).

Enquanto instituição de formação, o CPD iniciou os seus cursos no ano lectivo de 1984/85, tendo formado até ao momento cerca de 70 educadores.

A formação para este nível de educação foi relançada nos últimos anos com intervenções da cooperação com uma ONG italiana – a ALLISEI. Nesse quadro estão sendo formados cerca de 150 quadros técnicos da pré-escolar em diferentes categorias perspectivando-se a regularização do sistema de formação visto ter sido construída uma infraestrutura de raiz, concebida para tal fim (EPT;2002 – 2015)

A formação dos educadores esteve suspensa durante 10 anos, de (1990 à 2000), uma vez que a escola vocacionada para a formação de Educadores e Professores do Ensino Básico, foi extinta em 1990, só vindo a ser criada a nova escola em 2000 (Cardoso, 2004, p. 4).

Não houve formação de Professores durante toda a década de 90 a escola para essa formação (Escola de Formação e Superação de Quadros Docentes) encerrou em 1989/90, só tendo aberta uma nova, Escola de formação de Professores e Educadores (EFOPE) em 2000.

Houve, portanto, uma década em que a formação dos Professores foi insistente, o que constituiu uma lacuna grave e contribuiu para a degradação do ensino primário, cujo reflexo vai para além desta data, uma vez que apenas em 2003/2004 se iniciou o primeiro ano de formação de Professores. Esta situação apresenta-se tanto grave quanto dos professores do Ensino Básico tinham em 1999 como habilitação máxima 8^a ou 9^a classe.

Actualmente STP dispõe de duas instituições que ministram cursos de formação inicial e acções de formação contínua para professores. O Instituto Superior Politécnico de São Tomé (ISP), que qualifica académica e profissionalmente docentes para o ensino secundário, e a Escola de Formação de Professores e Educadores que qualifica docentes para a Educação Pré-escolar e para o ensino básico. Segundo os art.º 30º e 31º da Lei de Bases do Sistema educativo, a qualificação para a docência é obtida através de cursos de formação inicial de nível superior.

Assim, no Artigo 30.º sobre os Princípios Gerais sobre a formação de educadores e professores destacamos as seguintes alíneas:

- a) Formação inicial de nível superior, proporcionando aos educadores e professores de todos os níveis de educação e ensino a informação, os métodos e as técnicas científicas e pedagógicas de base, bem como a formação pessoal e social adequadas ao exercício da função;
- b) Formação contínua e em exercício que complemente e atualize a formação inicial numa perspetiva de educação permanente;
- c) Formação que, em referência à realidade social, estimule uma atitude simultaneamente crítica e atuante;
- d) Formação participada que conduza a uma prática reflexiva e contínua de autoinformação e autoaprendizagem;

Está assim previsto que formação dos educadores de infância seja de nível superior e que a formação contínua seja uma prática que permita a atualização permanente destes docentes, nomeadamente através da prática reflexiva numa perspetiva de auto e heteroformação. Ou seja, o professor, quando adquire a sua habilitação profissional, está longe de ser considerado um profissional acabado uma vez que os saberes adquiridos na formação inicial não são suficientes para o desempenho da docência durante todo o seu percurso profissional (Ponte, 1994).

4.2. A formação contínua

A formação contínua de Professores tem finalidades individuais e finalidades sociais. Como finalidades individuais podemos apontar a aquisição de conhecimentos, a resolução de problemas concretos da prática do professor, a melhoria de satisfação no trabalho, o progresso na carreira, entre outros.

Segundo Formosinho (2001) como finalidades sociais devemos referir a atualização científica e pedagógica do corpo docente e a melhoria generalizada da sua competência profissional, o apoio à concretização de políticas educativas (por exemplo, a reforma curricular), o fomento da inovação educacional, o suporte a projetos de escolas, a melhoria da comunidade escolar. Todas estas finalidades sociais são traduzidas na melhoria do ensino oferecido na escola, melhoria essa que é instrumental para a melhoria da qualidade das experiências de aprendizagem ainda finalidades sociais da formação contínua viabilizar uma reconversão profissional que procure adaptar a oferta de ensino à sua procura e a preparação

de docentes para o exercício de funções educativas não letivas necessárias ao bom funcionamento do sistema.

Ainda segundo o Formosinho (2001) a formação contínua destina-se a aperfeiçoar quem já possui os saberes, saber fazer e saber ser, básicos ao exercício da profissão. Como tal pode assumir as modalidades organizacionais de formação em serviço ou formação institucional, pode ser certificada ou não certificada, pode visar a preparação para cargos e tarefas específicas no sistema educativo (formação especializada) ou ser mais generalista.

Uma melhor qualidade do ensino e aprendizagem das crianças requer uma maior atenção sobre os professores nas suas práticas, atualmente há uma crescente preocupação para a progressão profissional do professor para que o mesmo esteja a medida das mudanças que ocorrem.

Segundo Artigo 35.º da lei de bases do sistema educativo de STP (Lei n.º 2/2003):

1. A todos os educadores, professores dos ensinos básico e secundário é reconhecido o direito à formação contínua e em serviço.
2. A formação contínua e em serviço deverão ser suficientemente diversificados, de modo a assegurar o complemento, aprofundamento e atualização de conhecimentos e de competências profissionais, bem como possibilitar a mobilidade e a progressão na carreira.
3. A formação contínua e em serviço são da iniciativa das instituições responsáveis pela formação inicial, dos próprios docentes e das suas estruturas representativas em estreita cooperação com os estabelecimentos onde os educadores e professores trabalham.
4. A formação em serviço de educadores e professores dos ensinos básico e secundário serão da responsabilidade do Ministério que tutela a educação.

Como tal, a formação contínua é uma exigência legal dos educadores que procura colmatar as necessidades de atualização do docente em função das alterações e da evolução da sociedade e do conhecimento.

4.3. A formação dos Educadores e Auxiliares Pedagógicos (imersões para Brasil)

A educação em São Tomé tem vindo, no possível, a reajustar-se ao contexto atual de um mundo globalizando. Neste contexto e para sustentar um conjunto de reformas que já se tinha começado, a saber, a reforma do ensino básico no quadro do projeto Fast Trak em parceria com a Universidade de Aveiro (UA), o ensino secundário no projeto “Escola mais”, tornava necessário a reforma da educação pré-escolar, considerada o pilar da educação, sabendo que uma educação pré-escolar de qualidade traz consigo muitos ganhos futuros.

Assim, em Outubro de 2012, foi assinado um memorando entre o Ministério de Educação e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- Rio). Este memorando deu abertura para realização de diversas atividades sendo uma delas a elaboração do currículo da Pré-escolar.

Portanto após um conjunto de ações que se realizou no âmbito da elaboração do documento, era necessário realizar um intercâmbio visto que o mesmo possibilitava vivenciar

uma série de novas experiências, e envolve uma dupla troca: profissional e cultural. A experiência é parte de um processo de aprendizagem que vai além dos estudos e que está relacionado com os costumes e a vida cotidiana.

O intercâmbio profissional ajuda também a verificar como a profissão é abordada em outras partes do mundo. Em uma sociedade globalizada ter esse tipo de experiência é muito útil para o crescimento profissional. Foi com este espírito que realizou-se a primeira imersão dos educadores ao Brasil, concretamente Rio de Janeiro para participar numa formação e intercâmbio com a equipa que elaborou o referido currículo. A primeira imersão teve o seu lugar nos finais do mês de Julho e princípio de Agosto e contou com 21 participantes dos quais 9 era educadoras, 4 auxiliares e 5 supervisoras 1 professora de escola de formação, 1 Diretor da direção Pré-escolar e 1 chefe de departamento da Região Autónoma de Príncipe (RAP).

Os dois programas de imersão realizados em 2014 e 2015 contemplaram a formação presencial dos professores de STP na PUC-Rio durante quinze dias cada. Os programas das imersões incluíam, dentre outras atividades, as seguintes: palestras ministrada por convidados com expressão na área de Educação Infantil; aulas de formação com conteúdos específicos, articulando teoria, currículo e prática docente; formação/oficinas com dinâmicas de natureza prática que tiveram por objetivo capacitar os educadores e auxiliares em relação a técnicas, desenvolvimento, produção e utilização de materiais didáticos; visitas a escolas, nas quais os educadores puderam ter contato com outras vivências pedagógicas (Couto et al, 2016).

Tendo em conta o grande impacto que esta imersão teve na mudança do paradigma pedagógica nos jardins-de-infância, em Julho de 2015 com o financiamento do Banco Mundial realizou a segunda imersão que tiveram os mesmos objetivos e finalidades contando desta vez com 25 participantes sendo: 14 era educadoras de infância, 10 auxiliares pedagógicos e 1 supervisoras do Ensino Básico. Neste grupo, incluem-se duas estratégias, a imersão dos professores num ensino por investigação e a imersão no mundo dos cientistas. Quanto ao primeiro tipo de imersão, esta conduz os professores a experimentarem as estratégias que se pressupõe que venham a usar com os seus alunos. “Os professores

necessitam de se envolver num ensino por investigação para compreenderem a eficácia do mesmo no desenvolvimento de competências e a sua importância na sala de aula”. (Day, 2001)

4.4. A Formação à distância através de videoconferência

A utilização das tecnologias foi importante no processo formativo dos educadores e auxiliares pois como afirma (Delors, 1996, p.156) “o saber pode evidentemente adquirir-se de diversas maneiras e o ensino a distância ou a utilização de novas tecnologias no contexto escolar têm-se revelado eficazes.

Foi nesse sentido que na sequência das atividades programadas no âmbito da implementação do currículo várias são as formações através de vídeo conferências que foram realizadas no âmbito da parceria entre o Ministério de Educação Cultura, Cultura e Ciência, UNICEF e PUC- RIO. Tomaram parte nestes eventos aproximadamente 350 participantes divididos em várias sessões.

Nestas sessões eram abordados os temas relacionados com as áreas de conteúdos do currículo, bem como questões relacionadas com a implementação do mesmo. “Foram

ministradas, ainda, durante seis semestres, aulas a distância sobre questões de ensino-aprendizagem de crianças em idade pré-escolar. (Couto et al, 2016, p.6).

4.5. A formação pela equipa da PUC- Rio em STP

Trabalhar com qualidade em educação de infância requer conhecimentos específicos e uma planificação apropriada, sustentada no conhecimento do desenvolvimento nos primeiros anos de vida e das finalidades educativas de todo o trabalho em creche e jardim-de-infância. Requer ainda atitudes de respeito, compreensão, muita flexibilidade para responder às necessidades de cada criança e família, reflexão crítica e questionamento continuado de práticas, indispensáveis à resolução de problemas.

Observar, perguntar, flexibilizar são atitudes básicas num atendimento de qualidade, que não se coaduna nem com uma abordagem baseada no senso comum, nem com uma abordagem técnica e aplicativa, envolvendo, portanto, profissionais de educação de infância bem formados e que devem ser devidamente valorizados. (Portugal, 2012)

Neste sentido a capacitação dos quadros docentes para a implementação do currículo constitui um elemento crucial, no que refere a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem. Não se pode realizar uma reforma sem que os responsáveis para a implementação estejam engajados, preparados, capacitados. Feito isto os mesmos estarão em melhores condições para ultrapassarem e enfrentarem qualquer desafios.

Portanto para estarem dotados de conhecimentos a fim de implementarem os conhecimentos adquiridos foram realizados 8 formações presenciais. Constituíam-se oito missões presenciais de membros da equipe do LIDE/ DAD/PUC-Rio, com duração de sete dias cada, em São Tomé e em Príncipe. O desenvolvimento do trabalho foi baseado na observação da dinâmica escolar em visitas no terreno, em cursos de formação, oficinas de produção de materiais didáticos, conversas formais e informais com educadores, auxiliares, metodólogos, pedagogos e dirigentes. Teve como iniciativa estratégica, entre outras, produzir um levantamento da situação e da cartografia escolar, contemplando, inclusive, uma investigação dos recursos naturais de São Tomé e Príncipe que pudessem ser utilizados na produção de material didático e/ou recursos pedagógicos. Os programas das missões no terreno incluíam, dentre outras atividades, as seguintes: palestras São Tomé e Príncipe: um espaço interdisciplinar de projeto sobre estratégias e metodologias de Educação Infantil; aulas de formação com conteúdos específicos sobre o desenvolvimento cognitivo de crianças, articulando teoria, currículo e prática docente; oficina com dinâmicas de natureza prática para capacitar educadores e auxiliares pedagógicos em relação a técnicas, desenvolvimento, produção e utilização de materiais didáticos (Couto et al, 2016).

5. A Supervisão pedagógica em STP e as reuniões de preparação metodológicas

Em STP o sistema de ensino tem integrado o acompanhamento dos docentes através de supervisão. Por esse motivo sentimos necessidade de fazer uma breve síntese do processo, uma vez que as supervisoras acompanham periodicamente os Educadores/Auxiliares Pedagógicos quer através de observação no contexto da prática pedagógica quer durante as reuniões de planificação quinzenal que acontecem quinzenalmente ao longo do ano lectivo. Iremos primeiro abordar alguns dos significados da supervisão pedagógica para em seguida explicitar um pouco o que são as reuniões de preparação metodológica, uma vez que o nosso estudo tem uma questão que incide nesse aspecto.

Para Alarcão e Tavares (2007) a supervisão é compreendida como o processo em que um professor considerado mais experiente e mais informado orienta um outro no seu desenvolvimento profissional. Ainda segundo os autores, a supervisão tem como foco o

desenvolvimento profissional, centrando-se na orientação da prática pedagógica, conectada à sua formação profissional.

Na perspectiva de Oliveira-Formosinho (2002, p. 24) um dos objetivos da supervisão é “ (...) a influência no crescimento e desenvolvimento de todos os membros da organização escolar, aumentando a sua capacidade de aprendizagem e o seu potencial de eficácia em tarefas individuais e esforços colaborativos”.

Ainda na visão da autora, o papel do supervisor encontra-se ligado à mudança e ao desenvolvimento, promovendo sempre a aprendizagem do supervisionado.

Para Oliveira-Formosinho (2002, p. 15) o supervisor é e deverá ser sensível às necessidades, tendo como papel importante de cambiante do sistema. “Eles trabalham no sentido da dissolução da fragmentação, da competição e da reatividade, alimentando a colaboração e experimentação e a reflexão profissional”, porque afinal “ (...) lidar com a mudança é um dos papéis do supervisor”.

Assim, a supervisão da prática, enquanto processo de desenvolvimento profissional do professor, potencia o desenvolvimento das suas competências profissionais e por consequência melhora a aprendizagem dos alunos. Se encararmos a supervisão como um processo de regulação das aprendizagens profissionais, afastado da perspectiva avaliativa e mais próximo da perspectiva formativa ela terá mais impacto nos contextos, promovendo a sua qualidade (Vieira, 1993). Isto significa que o supervisor não deve emitir juízos de valor sobre o professor, mas sim ser capaz de analisar em conjunto as situações observadas. Caso contrário uma supervisão assente no controlo pode prejudicar o sentimento de competência do professor, inibindo-o na sua acção futura.

A supervisão deve então assumir características mais colaborativas, sustentando a interação entre os intervenientes de modo a funcionar como elemento chave de regulação de um processo de desenvolvimento profissional, o qual é bastante complexo e sistémico. Nesta perspectiva, a reflexão dialógica sobre a prática, a partilha de experiências serão elementos importantes a estarem presentes nos processos da supervisão (Oliveira-Formosinho, 2001). As interações no âmbito da supervisão terão como objetivo a obtenção de resultados a nível do crescimento mútuo e do desenvolvimento profissional.

De facto a tendência da supervisão é alimentar-se da perspectiva reflexiva que tem sido apontada como uma boa estratégia de desenvolvimento profissional. A reflexão sobre a prática implica a criação de dinâmicas formativas e pedagógicas que respondam às necessidades dos docentes, mediante os desafios que lhes são colocados nos seus quotidianos de trabalho com as crianças.

O papel do supervisor será então o de promover interações, informar, questionar, sugerir, encorajar (Alarcão & Tavares, 2003) num contexto de interajuda que não retire ao professor a autonomia de ser ele a descobrir, por si próprio, a melhor forma de atuar e a assumir a responsabilidade que lhe cabe no processo (Alarcão & Tavares, 1987).

A noção de supervisão remete para a “criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional” (Alarcão & Roldão, 2002, p 29). Então, supervisão como atividade de apoio, orientação e regulação aparece como uma dimensão de formação com grande relevância, não obstante a heterogeneidade das suas práticas (Alarcão & Roldão).

5.1. As reuniões de preparação (RPM) na supervisão da prática educativa

As reuniões de preparação metodológica (RPM) constituem um aspeto particular do sistema educativo em STP e integram os vários níveis do sistema educativo. Ocorrem quinzenalmente com o objetivo de planear as atividades educativas para um período de 15 dias, assumem-se como importante espaço para a reflexão sobre problemas pedagógicos e organizativos e promovem a coerência das práticas educativas entre as instituições de ensino de cada um dos níveis, assim assumem características próprias. A duração das RPM é de 4 horas, dirigidas por um dos Coordenadores de Jardim de Infância (Cambé 2016).

Segundo Rodrigues (2014), as RPM constituem uma prática de trabalho colaborativo orientado para o enriquecimento do trabalho docente em contexto de sala de aula. Nessas reuniões estão presentes vários professores de várias escolas que discutem problemas da sua prática pedagógica e realizam a planificação quinzenal das aulas.

Capítulo II

Metodología

1. Procedimentos metodológicos

Depois de efectuada a revisão da literatura de artigos e teses de referência sobre a temática em estudo, desenvolvemos um estudo de natureza qualitativa, tendo para o efeito recorrido à entrevista semiestruturada, como técnica de recolha de dados.

Num primeiro momento foi definida a problemática que nos interessava estudar e definidos os objetivos da investigação. Posteriormente, e considerando os objetivos do estudo, definimos quais as técnicas de recolha de dados a utilizar e qual o tipo de estudo que mais se adequava. Num terceiro momento, construímos o guião de entrevista para que pudéssemos validar as perguntas do mesmo, no sentido de perceber se através delas receberíamos respostas cujo conteúdo teria informação válida para responder aos objetivos. Foi assim realizada uma entrevista piloto a uma educadora não participante no estudo. Num quarto momento realizamos as entrevistas registando em áudio as falas dos participantes no estudo, que selecionamos de modo a ter alguma representação dos seis distritos de São Tomé. Nesse sentido, por conveniência da investigadora e de acordo com a disponibilidade dos participantes, foram selecionados dois responsáveis de sala dos jardins-de-infância de cada distrito de São Tomé. Em seguida procedemos à transcrição das entrevistas e respetiva análise de conteúdo fazendo inferências e interpretações das falas dos participantes.

Nos pontos que se seguem identificamos o processo investigativo de modo mais detalhado.

2. Objetivos do estudo

Lembramos que este estudo procura identificar e compreender quais os constrangimentos e os desafios do atual processo de implementação do currículo da educação pré-escolar em São Tomé e Príncipe.

Delineamos o objetivo geral: **Conhecer os constrangimentos e desafios na implementação do novo currículo da educação pré-escolar na voz dos responsáveis de sala dos jardins-de-infância.**

E definimos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender como a implementação do currículo está a ser percebida pelos educadores de infância e auxiliares pedagógicos.
- Identificar dificuldades e aspetos positivos vividos pelas educadoras e auxiliares pedagógicos.
- Compreender de que modo o processo da supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação dos Educadores de Infância/ auxiliares pedagógicos na implementação do currículo.

3. Seleção dos Participantes

Os participantes do nosso estudo foram 12 responsáveis de sala de jardim-de-infância (educadores de infância e/ ou auxiliares pedagógicos) sendo que cada dois (um de quatro anos e outro de cinco anos) desenvolvem a sua ação educativa em cada um dos seis distritos de São Tomé

Os critérios de seleção foram efetivados com base na indicação dos gestores das creches e jardins-de-infância, aquando do nosso pedido de autorização para realização das entrevistas. Assim sendo, com autorização dos gestores das creches e jardins escolheu-se um educador / auxiliar pedagógico de um grupo de 4 anos e outro de 5 anos. É de salientar que os participantes se mobilizaram prontamente para colaborar. Como podemos notar no Quadro 1 tivemos apenas um educador a trabalhar na sala de aula, sendo que os restantes são Auxiliares Pedagógicos.

Tabela 1: Participantes no estudo

Distrito	Entrevistados		Faixa etária do Grupo de crianças	
	Educador	Auxiliar Pedagógico	4 Anos	5 Anos
Agua Grande	0	1	4 Anos	5 Anos
MéZochi	0	2	4 Anos	5 Anos
Cantagalo	0	2	4 Anos	5 Anos
Lembá	0	2	4 Anos	5 Anos
Lobata	1	1	4 Anos	5 Anos
Caué	0	2	4 Anos	5 Anos

O facto de existirem mais Auxiliares do que educadores tem a ver com a situação da formação de educadores que esteve suspensa durante 10 anos, de 1990 a 2000, uma vez que a escola vocaciona para a formação de educadores e professores do ensino básico, foi extinta em 1990, só vindo a ser criada a nova escola em 2000. É de salientar que atualmente a situação tende a melhorar com ingresso dos educadores recém-formados (alguns que já exerciam função de auxiliar pedagógico e outras de formação inicial).

4. Instrumentos de recolha de dados

4.1. Análise documental

Para colhermos algumas informações recorreremos a análise documental a fim de obtermos algumas informações que nos possibilitasse analisar a implementação do currículo da pré - escolar. A investigação documental realizada compreendeu a pesquisa de vários documentos legais e legislação, revisão da literatura de artigos e teses de referência sobre a temática em estudo e estudos empíricos realizados.

4.2. Entrevista semi-estruturada

De acordo com os objetivos propostos, no quadro da investigação qualitativa, desenvolveu-se a recolha de dados através da entrevista como “estratégia dominante para a recolha de dados (...) descritivos na linguagem do próprio sujeito” Bogdan & Biklen, (1994, p.134), possibilitando que a investigadora possa desenvolver a compreensão sobre e como os participantes interpretam os seus contextos de ação. Como assinala Máximo-Esteves (2008), a entrevista “É utilizada quando se pretende conhecer o ponto de vista do outro” Máximo-Esteves (2008, p. 93).

Assim, a entrevista é um meio intencional de recolha de dados, muito utilizado na investigação educacional, e que implica uma interação entre entrevistado e entrevistador (Bogdan e Biklen,1994). Neste estudo optámos por realizar a entrevista semiestruturada “orientada para a intervenção mútua” Máximo-Esteves, (2008, p.96) e que teve como base um guião estruturado, com tópicos antes definidos por nós de modo a recolher informação pessoal sobre o que pensam sobre a implementação do currículo para a educação pré-escolar em São Tomé de acordo com os objetivos do estudo. Para registar a fala das participantes utilizámos a gravação áudio uma vez “que permite um registo integral da conversação de modo que o entrevistador fica com mais liberdade para se concentrar no tópico e na dinâmica da entrevista” Máximo-Esteves, (2008, p.103).

Depois de solicitar autorização aos participantes e explicitar os motivos das mesmas no quadro do estudo, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, uma vez que

“a transcrição é um ato de transformação de discurso recolhido no modo oral para o texto regido no modo escrito” Máximo-Esteves, (2008, p. 102).

Apresentamos em seguida (Tabela 2), O Guião da Entrevista identificando os objetivos que orientaram a realização das perguntas para obter informação pertinente ao estudo na voz dos participantes.

Tabela 2: Guião de entrevista

GUIÃO DE ENTREVISTA	
Objetivos	Perguntas
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do estudo - Solicitar a colaboração do entrevistado; - Dar informação sobre o estudo e os objetivos da entrevista; - Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato das entrevistadas. - Solicitar autorização para gravação áudio; - Colocar à disposição das entrevistadas os resultados da investigação; - Agradecer a disponibilidade e a colaboração.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> - Quais são as suas habilitações académicas? - Quanto tempo tem de serviço? - Há quantos anos se encontra a lecionar neste Jardim? - Participou em sessões de formação no âmbito da implementação do currículo para a educação pré-escolar?
Conhecer a experiência da entrevistada com o novo currículo	<ul style="list-style-type: none"> - Há quanto tempo trabalha com o novo currículo na educação pré-escolar?
Caracterizar as perceções dos entrevistados sobre a implementação do currículo da educação pré-escolar.	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua opinião sobre o novo currículo? - Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais? - Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?
Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> - Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo? E quais os aspetos positivos?
Identificar se existe apoio na implementação do currículo e saber qual	<ul style="list-style-type: none"> - No seu Jardim existem momentos com objetivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos? - Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo? - Costuma participar em momentos de reflexão sobre o modo como desenvolve o currículo com os colegas? Em que situações?

	- O seu polo promove formação contínua de modo a garantir a reflexão conjunta sobre a prática? De que modo?
Compreender de que modo o processo da supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação dos Educadores de Infância/ Auxiliares Pedagógicos.	- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efetuada ao longo deste processo? - Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíam para a sua formação relativamente à operacionalização do currículo?
Identificar necessidades de formação	- Quais são as suas necessidades de formação?

As entrevistas foram então realizadas com suporte nas perguntas definidas no guião. De notar que aconteceram num contexto informal, fora do horário de trabalho dos educadores/auxiliares e tivemos a preocupação em criar um ambiente de confiança. Deixámos claro que a nossa função ali era a de investigação no âmbito do mestrado em Ciências da Educação: Administração, Regulação e Políticas Educativas.

5. Técnicas de tratamento de dados

Depois de exposto o quadro teórico e de identificados os procedimentos metodológicos utilizados, passamos a retratar o modo como realizamos o tratamento dos dados, que nos conduziu à análise e interpretação dos resultados obtidos.

Face à natureza qualitativa da informação recolhida através das entrevistas privilegiámos como técnica de tratamento e análise dos dados, a análise de conteúdo.

5.1. Análise de conteúdo

De acordo com os objetivos definido por nós, as entrevistas efetuadas permitiu-nos organizar um sistema de categorias que constavam no guião de entrevista e que fizeram emergir categorias de análise. Segundo Bardin (2008, p.145) “as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (...) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos”. Segundo Máximo-Esteves (2008, p. 103) “A categorização baseia-se na codificação do texto em categorias que podem ser interpretadas num modo narrativo ou reduzidas a tabelas ou quadros”. Segundo a autora este processo permite reduzir os dados e tem como objetivo identificar e codificar as unidades de análise que constam no texto. Ou seja, é uma “Operação através da qual os dados (...) são classificados e reduzidos, após terem sido identificados como pertinentes, de forma a configurar o material ao serviço de determinados objetivos de investigação” (Esteves, 2006,p.109).

Sendo assim as informações recolhidas por meio das entrevistas feita a 1 Educadora e 11 auxiliares pedagógicos foram analisadas através de uma análise de conteúdo.

Os entrevistados encontram-se classificados segundo a ordem de realização de E1 a E12.

CAPÍTULO III

Apresentação, Análise e Discussão dos Dados

1. Caracterização dos Participantes

1.1. Os Educadores de Infância

Os participantes no nosso estudo, apenas 1 (um) era do sexo masculino e 11 (onze) do sexo feminino.

Tabela 3: Género dos entrevistados

GENERO	
Masculino	Feminino
1	11

Referente ao sexo neste nível da educação existe um maior número do sexo feminino como podemos verificar num universo de doze entrevistados somente um entrevistado é do sexo masculino.

Tabela 4: Faixa etária que lecciona

Idade	Número de entrevistados
4 Anos	6
5 Anos	6

Com relação a faixa etária de crianças com qual os entrevistados trabalham decidimos fazer um equilíbrio entre os níveis etários. Assim, tivemos 6 participantes a trabalhar com grupos de crianças de 4 anos e outros seis a trabalhar com grupos de crianças com 5 anos.

Tabela 5: Função que desempenha

Função	Número
Educadora de infância	1
Auxiliar pedagógico	11

Podemos constatar que dos 12 participantes apenas uma era Educadora de Infância com o curso médio de Educadora e onze eram Auxiliares Pedagógicos com curso de Acção Educativa.

Considerando que no ano 2015 houve 69,3% do pessoal docente deste nível de Educação, a nível nacional, não possuem formação. 30,7% são formados em área pedagógica; dos 69,3% sem formação pedagógica; 16,6% encontram-se em formação nesta área. Há ainda um total de 14 docentes com formação na área não-pedagógica. O Distrito com maior número de profissionais qualificados é o de Agua Grande, com 39,6%, contra os 4,5% de Caué com apenas uma Educadora. (Pade 2015-2018, p.p 27,28)

Relativamente às habilitações académicas, como indica a Tabela 6, podemos constatar que dos doze participantes apenas uma era Educadora de Infância com curso médio e os restantes onze eram Auxiliares Pedagógicos todos com o curso de Acção Educativa. Portanto nenhum dos participantes tinha licenciatura em Educação de Infância.

Tabela 6: Habilitações académicas dos entrevistados

Grau	Número
Acção educativa	11
Educadora de infância	1
Licenciatura	0

No que diz respeito ao tempo de serviço dos entrevistados e como mostra a Tabela 7, podemos dizer que existe uma grande amplitude variando entre 1 e os 40 anos. No intervalo de um a cinco anos, temos 5 entrevistados; de seis a dez anos temos 3 entrevistados; de trinta e seis a quarenta 1 entrevistado. Podemos notar que os entrevistados que têm menos tempo de serviço são em maior número.

Tabela 7: Tempo de serviço dos educadores / auxiliares pedagógicos

Anos	Número
De 1 a 5	5
De 6 a 10	3
De 11 a 15	0
De 16 a 20	2
De 21 a 25	1
De 26 a 30	0
De 31 a 35	0
De 36 a 40	1

Em relação ao tempo de serviço (Tabela 8) no estabelecimento no momento da entrevista, podemos verificar que dez Educadores/ Auxiliares Pedagógicos têm um intervalo de um a dez anos de serviço enquanto dois Educadores/Auxiliares Pedagógicos têm entre dezasseis a vinte anos de serviço.

Tabela 8: Tempo de serviço no mesmo Jardim de Infância

Tempo no J. de I.	Nº de educadores/ auxiliar
De 1 a 5 Anos	10
De 6 a 10	0
De 11 a 15	0
De 16 a 20 Anos	2

Com relação a participação em formação no âmbito da implementação do currículo, dos doze entrevistados oito participaram em sessões de formações enquanto quatro não participaram, como consta na Tabela 9.

Tabela 9: Participação em sessões de formação, no âmbito da implementação do currículo para a Educação Pré-escolar

Nº de Participantes	Nº de Não participantes
8	4

Tendo em conta o tempo da implementação do currículo que são cinco anos, importa saber quanto tempo cada entrevistado teve como experiência a implementação do currículo, assim sendo constatamos que, como mostra a Tabela 10:

Tabela 10: Tempo de trabalho com o novo currículo na Educação Pré-escolar

Anos com currículo	Nº de educadores/ auxiliar
1 Ano	1/2
2 Anos	4
3 Anos	2
4 Anos	1
5 Anos	2

- Um educador e dois auxiliares pedagógicos com um ano de experiência na implementação do currículo;
- Quatro auxiliares pedagógicos com dois anos de experiência na implementação do currículo;
- Dois auxiliares pedagógicos com três anos de experiência na implementação do currículo;
- Um auxiliar pedagógico com quatro anos de experiência na implementação do currículo;
- Dois auxiliares pedagógicos com cinco anos de experiência na implementação do currículo;

2. Análise das entrevistas

Apresentamos agora a análise das entrevistas que organizamos por categorias decorrentes dos blocos de objetivos em que estruturamos o Guião de Entrevista, já apresentado na Tabela 2. Assim, a categorização foi organizada em cinco Blocos de categorias designados agora por A, B, C, D e E, que correspondem aos cinco temas sobre os quais recolhemos a informação na voz dos entrevistados. Para cada Bloco fizemos corresponder unidades de registo que sintetizamos a partir dos dados das entrevistas.

2.1. Percepções dos participantes “sobre a implementação do currículo”

Na Tabela 11, temos o Bloco A, onde estão identificadas as unidades de registo que correspondem às concepções das educadoras/ auxiliares sobre o currículo para a educação pré-escolar.

Tabela 11: Percepções dos educadores sobre o currículo

Bloco A – Percepções das educadoras sobre o currículo	
Categorias	Indicadores síntese
Opinião sobre o Currículo	Uma necessidade Muito importante para as crianças e responsáveis de sala Alterou a prática /Melhorou a prática Valorização do trabalho no pré-escolar para os pais Amplia o conhecimento das crianças O brincar como forma de aprendizagem Algumas actividades desajustadas à realidade santomense. Dá indicações para o trabalho a desenvolver
Alterações na acção educativa	Provocou muitas alterações Ampliou o modo como se exploram os conteúdos Permite fazer ligações dentro de um tema Mais referências e segurança sobre o que fazer com as crianças Valoriza a escrita e a matemática Permite tirar dúvidas com as supervisoras Construir materiais para apoiar a aprendizagem Deu mais ânimo ao trabalho com as crianças Dificuldade em trabalhar alguns temas – planetas

<p>Implicações na organização da sala</p>	<p>Introdução de novos materiais / materiais naturais</p> <p>Exposição de materiais nas paredes da sala</p> <p>Alterou a dinâmica da sala</p> <p>Dificuldade em expor os trabalhos das crianças por causa do tamanho reduzido da sala / Depende do tamanho da sala</p> <p>Ter os números e alfabeto exposto para as crianças verem</p> <p>Sala pequena não dá para fazer todas as propostas, nem para ter áreas na sala.</p> <p>Tem demasiadas actividades para realizar na sala.</p> <p>Limita o tempo de recreio.</p>
--	---

Do ponto de vista dos participantes podemos dizer que o novo currículo para a educação pré-escolar teve um impacto positivo na prática pedagógica. O novo documento, orientador do trabalho com as crianças, é percebido como uma necessidade há muito sentida, como é referido por uma das participantes: “ (...) *O pré-escolar já necessitava há muito tempo de uma reforma, esse currículo veio ditar essa reforma na educação, que a educação sempre precisou, (...)* ” (E1). Ao mesmo tempo é entendido como um instrumento de trabalho que vem enriquecer o trabalho pois como refere E2, “*O novo currículo para mim é de louvar, é bom é uma coisa nova e (...) está para além do que fazíamos antes, esse currículo é boa coisa que veio para a Pré-escolar*”.

Da análise podemos inferir que também houve alguma influência no modo como os pais entendiam a educação pré-escolar, valorizando agora mais o trabalho que aí se desenvolve e que com a utilização deste referencial é possível ampliar o conhecimento das crianças, segundo alguns dos entrevistados. Apesar de ter sido unânime a importância atribuída ao currículo na medida em que dá orientações sobre o trabalho a desenvolver, também foram identificadas algumas situações menos conseguidas, nomeadamente ao nível da linguagem utilizada e ao nível de algumas atividades que constam utilizadas no documento que não estão ajustadas ao contexto santomense. Como refere a entrevistada E10: “*Acho uma boa iniciativa, na minha opinião o português escrito é que não combina com a nossa linguagem, há atividade que não tem a ver com a nossa realidade fora disso é boa iniciativa tudo novo é bom.*”

Contudo, parece-nos poder afirmar que este instrumento de apoio à prática pedagógica veio incrementar uma nova dinâmica na ação educativa das responsáveis de sala e um novo

fazer. Em suma, os participantes desta entrevista, responderam positivamente à implementação do currículo.

Quando às alterações na prática provocadas pelo currículo, os entrevistados responderam que houve várias mudanças. No exemplo seguinte podemos constatar mudanças ao nível da exploração de um conteúdo das ciências:

“Provocou, é essa mudança eu vejo diariamente no meu serviço, por exemplo antes se eu estou a falar da cor ou da flor eu fico só limitado na flor a flor p éala, mas hoje em dia com o novo currículo da pré escolar eu vou falar da flor eu falo da planta, raiz, a caule, falo do tempo, falo já da chuva, do sol, se não tiver chuva, a água para regamos a planta, a planta não desenvolve para nós temos flor, a importância da flor, a conservação da flor eu na flor eu falo da natureza do ambiente eu alargo muito o meu conhecimento”. (E 2)

Ainda outra alteração indicada diz respeito à produção de materiais que auxiliam o desenvolvimento das atividades: *“Provocou sim, tendo em conta que dá mais vontade de trabalhar; para apresentar um trabalho tem que se fazer os materiais no âmbito de construção de matérias. Com mais matérias as crianças aprendem melhor”.* (E 9)

Portanto foram ainda introduzidas mudanças ao nível da exploração dos números e do alfabeto, nomeadamente ao nível do reconhecimento que as crianças fazem dos mesmos, como podemos constatar na fala de E5: *“ (...) por exemplo, nos números iam só até 10 mas agora as crianças conhecem 20,30 mesmo até 50; conseguem identificar mesmo o alfabeto também mesmo os de 4 anos conseguem identificar todas as letras em qualquer contexto em casa na rua elas dizem aquela é tal letra”.*

Esta situação tem a ver com a exploração de mais conteúdos induzidos pelo currículo.

Relativamente à organização do espaço da sala, também foram referidas alterações. Segundo alguns dos entrevistados o currículo obrigou-os a ter novas formas da organização de salas, nomeadamente ao nível da exposição de materiais de apoio nas paredes da sala que servem como referência às aprendizagens das crianças.

“É bom, esse currículo é bom porque a sala está organizada mesmo as crianças quando têm qualquer dificuldade têm os números na parede que elas podem olhar identifica; mesmo as letras alfabéticas há crianças que nós encontramos a discutir com a outra essa é minha letrinha esse é número três há aquela discussão entre elas mesmas tentando decifrar os números as letras” (E 4).

No entanto, mais que metade alega não ter espaço suficiente para ter uma sala organizada como gostariam e como exige a implementação do currículo. Por exemplo:

“Na organização, isso depende da sala espaço em que a sala está inserida porque há sala que é maior e há outra menor quando é muito pequena dificulta porque nós não podemos pôr todas as áreas com seu respectivo material. Eu, por exemplo, gostaria de fazer a minha sala em que cada canto tivesse um cantinho de cada área, da pintura, da leitura mas a minha sala não facilita tenho que pôr as coisas na parede um pouco mais alto. Isso depende do espaço da sala em si.” (E 5).

Esta fala parece evidenciar alguma insatisfação com as condições da área das salas de jardim-de-infância. Mas ao mesmo tempo também indica que a responsável de sala conhece outras possibilidades de organização do espaço, para além das que consegue realizar.

2.2. Dificuldades e aspetos positivos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica

Na Tabela 12, apresentamos os indicadores síntese sobre as dificuldades e aspetos positivos que os participantes identificaram na operacionalização do currículo no contexto de sala com o grupo de crianças.

Tabela 12: Dificuldades e aspetos positivos na implementação do currículo

Bloco B – Dificuldades e aspetos positivos na implementação do currículo	
Dificuldades	No início na fase de implementação Interpretação de algumas linguagens Construção de matérias Atividades para serem criadas Alteração de algumas atividades Letra bastão e letra cursiva Atividades desajustadas ao contexto Linguagem escrita em português do Brasil
Aspetos positivos	Melhorou a prática Valoriza o trabalho no pré-escolar para os pais Amplia o conhecimento das crianças O brincar como forma de aprendizagem Dá indicações para o trabalho a desenvolver

Com relação às maiores dificuldades encontradas na implementação do currículo, segundo os entrevistados, registaram-se no início do processo o que é normal. Essas dificuldades relacionam-se com a interpretação de termos brasileiros, com a construção de matérias e na criação de novas atividades. Como refere o participante E1:

“ (...) Dificuldade, dificuldade eu não diria, era mais só no início, na fase de testagem (...) era uma coisa nova, então tem que se ter um bocado dificuldade, porque coisa nova a gente tem que se adaptar a essa coisa nova, depois de adaptação tornou coisa normal, e já não há problema.”

Ou como expressa a participante E4: *“Maior dificuldade na parte dos materiais e algumas atividades que aparecem e que não estão de acordo com nossa realidade e temos que alterar”*. Ou ainda: *“É mais nas atividades que são para ser criadas por nós”* (E 11);

“Dificuldade é na construção dos materiais, porque sem eles o currículo não funciona” (E 12).

Parece que o facto de o currículo ter sido elaborado por uma equipa de brasileiros, a linguagem escrita apresentada, conterá expressões características do país que dificultam a compreensão de algumas actividades propostas. (Ver Anexo I)

Os aspectos positivos identificados remetem para a melhoria da prática, para a valorização da educação pré-escolar perante os pais. Para os pais, e na perspectiva dos responsáveis de sala, talvez a existência de um currículo seja de valorizar uma vez que se aproximará da ideia de escola, onde existem conteúdos de aprendizagem. Outro aspecto interessante que os dados indicam tem a ver com a promoção da aprendizagem das crianças e com as indicações expressas sobre o que deve ser realizado diariamente com as crianças. Estaremos perante a ideia de currículo prescritivo e uniforme?

2.3. Apoio para a operacionalização do currículo

Tabela 13: Apoio para a operacionalização do currículo

Bloco C – Apoios para a operacionalização do currículo	
Categories	Indicadores síntese
Reuniões e Encontros	Reunião quinzenal em grupos para tentar decodificar uma actividade ou problema encontrado Feira educativa Momento de actividade da implementação do currículo Planificação quinzenal com colegas Depois de terminar as aulas. Apoio no momento da actividade colectiva Tirar dúvidas sobre as actividades que estão no currículo Intercâmbio com colega para melhorias Reflectir com colegas que já trabalharam antes com o currículo Demonstrações de actividades Trabalho em equipa Fazer pesquisa
Reflexão com os colegas	Seminário de formação Tempo de planificação Aulas de demonstração. Depois do horário lectivo.
Formação	Seminário de formação no final do ano Sábados das planificações.

No que refere à existência de apoios para a operacionalização do currículo, as reuniões e outros encontros que acontecem periódica e sistematicamente são indicados pelas participantes como momentos importantes. São momentos de partilha, discussão interna a nível de cada Jardim no âmbito das actividades inscrita no currículo e não só, importa salientar que a maioria dos participantes fazer isso no momento da planificação quinzenal, pouco são os entrevistados que reuniam internamente fora da planificação quinzenal para momentos de discussão e partilha. De acordo com E1 são “*momentos de debate entre colegas; quando temos alguma situação que não está esclarecida, nós reunimos em grupos para tentar decodificar uma actividade ou problema*”.

Outras consideram que o apoio acontece na planificação quinzenal aos sábados: “*Bom, só no plano mesmo aos sábados*” (E 6), o que nos leva a pensar que só o apoio mais estruturado pode ser entendido dessa forma por alguns participantes.

De acordo com os dados podemos inferir que a implementação do currículo tem provocado trabalho em equipa entre as responsáveis de sala, a pesquisa e, acima de tudo partilha de experiências, como é dito por alguns responsáveis de sala: “*Esse currículo veio mesmo para ajudar (...) assim, já conseguimos trabalhar em equipa. Ajuda a tirar as dúvidas entre nós e criamos muitas experiências (...)*” (E3); “*na escola quando alguém tiver dificuldades, mesmo se não for momento de planificação nós ajudamos umas as outras*” (E 4). Ou ainda:

“Sim, sim aqui no nosso centro pelo menos sempre que há alguma dificuldade na implementação de alguma actividade ou na realização de alguma actividade chamamos outra colega que trabalha com mesma faixa etária para discutirmos em conjunto uma actividade (...) falamos como é que vamos fazer e assim todo mundo partilha sua ideia depois chega-se a um consenso e realiza-se actividade”. (E 6).

Parece que a implementação do currículo levou os docentes a reflectir mais sobre a prática e que por vezes quando é necessário se reúnem mais informalmente depois do trabalho: “*Fazemos isso na planificação depois de terminar as aulas*” (E 9). Esta situação sugere que a prática reflexiva está presente no quotidiano das responsáveis de sala, uma vez que para além dos encontros formais, sempre que necessário, há partilha de ideias e de dificuldades, no sentido de dar a melhor resposta ao que se pretende.

Este aspecto parece conjugar-se com práticas de supervisão de natureza colaborativa, uma vez que a necessidade de tirar dúvidas entre colegas induz a prática reflexiva.

Assim podemos dizer que participam em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas, nas reuniões de planificação quinzenal e em momentos decorrentes do trabalho na sala, no final do tempo lectivo. Percebemos ainda que consideram os seminários no final do ano lectivo como um tempo de formação que funciona como apoio às suas dúvidas.

2.4. O papel da supervisão pedagógica no apoio à implementação do currículo

Apresentamos em seguida a análise sobre o modo como as participantes entendem o papel da supervisão relativamente à implementação do currículo da educação pré-escolar. Na Tabela 14 estão identificadas as categorias de análise com os respectivos indicadores síntese.

Tabela 14: O papel da supervisão no apoio à implementação do currículo

E- O papel da supervisão na implementação do currículo	
Categoria	Indicadores síntese
Percepções sobre a supervisão	É sempre uma coisa boa É negativa associada à crítica negativa Ajuda a conhecer os pontos fracos e permite melhorar o desempenho perante as crianças. Ajuda a melhorar a ação Ajuda a melhorar o plano do dia É para aprender É para corrigir erros Identificar pontos fracos da ação educativa Dá segurança no trabalho com as crianças Ensino de algumas canções Adequação e apoio da prática pedagógica

A supervisão pedagógica foi instituída em STP com o objectivo de melhorar o processo de ensino e de aprendizagem e tem como uma das finalidades apoiar os docentes nas suas práticas pedagógicas com vista ao sucesso das crianças.

Sendo assim, os entrevistados responderam que a supervisão pedagógica “é boa”, “é de louvar” e é “Benvinda”, na medida que vem apoiar os responsáveis de sala fazendo com que os mesmos sintam esclarecidos das suas dúvidas e corrijam seus erros. A ideia de erro parece supor que há uma maneira correta de fazer uma actividade e que a mesma tem de estar enquadrada na proposta curricular.

A supervisão é também sentida como uma ajuda na melhoria da qualidade. Por exemplo: *“Eu acho que é muito boa porque com essa supervisão nós vamos saber os pontos fracos que temos e permite-nos melhorar a nossa qualidade de serviço”* (E4).

A preocupação com o planeamento emerge também dos dados, associado ao apoio que a supervisão dá na interacção com as crianças e na elaboração e concretização dos planos do dia, valorizando a supervisão que se integrou recentemente na educação pré-escolar em STP, como ilustra o seguinte exemplo:

(...) Ajuda a melhorar o modo como lidar com a criança. Ajuda a melhorar o nosso plano dia a dia e ajuda também a escrever o nosso plano (...) com a supervisora é obrigatório fazer o que está no plano. Eu acho isso muito importante. Eu acho uma boa iniciativa que a pré-escolar teve de arranjar, supervisora. (E 5).

Um aspecto apenas referido por um dos participantes diz respeito à formação dos próprios supervisores. Sobre a supervisão diz: “É bastante bom, é uma coisa boa que deveria continuar e que elas (supervisoras) tivessem também formação para nos ajudar mais” (E 9).

Da análise dos dados, emerge ainda o tempo de planificação quinzenal como um momento importante na medida em que em conjunto e com o apoio das supervisoras as dúvidas são discutidas, principalmente as que dizem respeito à “criação das actividades”. Como expressa a participante E4:

Por exemplo, “nas planificações, quando vem a actividade que pedem para criar, surge aquela discussão. Quando eu não concordo com alguma coisa digo mesmo isso e se não me convence tento buscar a medida que for satisfatória. Esse intercâmbio tem sido satisfatório”.

O excerto acima indicado faz emergir também alguma dificuldade sentida por alguns dos participantes, em conceber actividades, para além daquelas que estão enunciadas no currículo. Na nossa interpretação pensamos que esta situação pode ter dois motivos. Por um lado a estrutura pouco flexível e tão preenchida da planificação diária, pode conduzir a alguma dificuldade sobre o que fazer mais com as crianças em termos de actividades. Por outro lado, como criar actividades, se o tempo das responsáveis de sala para realizar

observação é diminuto, uma vez que estão permanentemente a cumprir os planos pré-estabelecidos?

Quando alguns dos entrevistados foram confrontados com a questão sobre o tipo de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíam para a sua formação a maioria respondeu que esse apoio foi mais percebido durante o tempo de planificação quinzenal. Outros referem a observação de aulas como o momento importante, pois as supervisoras deram ajudas sobre as acções que estavam a desenvolver. De notar que um participante relata que a maior parte de ajuda vem do orientadores pedagógicos.

2.5. Necessidades de formação

Apresentamos a seguir as necessidades de formação, que assumimos como uma categoria e os respectivos indicadores síntese.

Tabela 15: Necessidade de formação

E- Necessidades de Formação	
Categoria	Indicadores síntese
Necessidades de formação	Mais formação contínua Aprender ao longo da vida Continuar com o seminário no final de ano Abordar temáticas para além do currículo Formação com parte teórica e outra prática Intercambio entre os polos Aprender metodologias para trabalhar com as crianças Continuar a formação na área da Pré-escolar Formação em pedagogia Saber mais sobre o currículo Formação nas áreas matemática; meio físico social e língua portuguesa.

No respeitante Necessidades de formação quase todos os entrevistados foram unânimes em responder que a formação é importante e deve continuar ao longo da vida profissional. Como refere a participante E1: *“eu tenho a necessidade de formação contínua uma vez que o conhecimento não é estático e deve evoluir sempre, de acordo com a necessidade. Portanto temos essa necessidade de formação contínua”*. Consideraram portanto importante manter o seminário de final de ano lectivo e as reuniões de planeamento quinzenal para manter a reflexão conjunta sobre a prática.

As necessidades identificadas na análise dizem também respeito a situações concretas como a aprendizagem de metodologias para trabalhar com crianças e formação em pedagogia. Como foi indicado na caracterização dos participantes, muitos não tinham formação em pedagogia e essa lacuna é referida como uma necessidade. O facto de apresentarem esta necessidade evidencia a tomada de consciência sobre o seu processo de desenvolvimento profissional, que requer mais formação para uma prática com mais qualidade.

Também foi indicada a necessidade de formação sobre conteúdos do currículo como é o caso da matemática e do meio físico e social. Ao mesmo tempo consideram importante continuar a aprofundar o novo currículo, como por exemplo o caso de E3: *“Minha necessidade de formação é desenvolver mais o meu trabalho nesse currículo, estar mais aptar para trabalhar com os meus meninos e adquirir mais experiência.”*

Porém um dos participantes considerou não querer mais formação: *“Eu acho que minha idade já não é para formação, estou velha, quero ir para casa”* (E8).

É de salientar ainda que um entrevistado gostaria que as formações fossem mais práticas do que teóricas para os mesmos conhecerem métodos e práticas para trabalharem determinados conteúdos em que revelam dificuldades.

Conclusões

Para atingir uma educação de qualidade, é necessário um conjunto de instrumentos, acções, medidas e estratégias. Uma educação de qualidade requer esforços dos intervenientes, que por conseguinte são os mentores e decisores das acções que pretende elencar a fim de obter os resultados esperados. A educação pré-escolar, considerada pedra basilar de uma educação de qualidade, na medida que as primeiras aprendizagens após a família se dão nos estabelecimentos de primeira infância, ainda tem por uma das suas finalidades a preparação das crianças para o ingresso no nível subsequente. Portanto, a educação pré-escolar no ponto de vista da sua grande importância no desenvolvimento integral e harmonioso da criança, deve estar munido de instrumento que permitam melhor desenvolvimento das actividades por um lado, e por outro que oriente as práticas pedagógicas visando o desenvolvimento das competências e aprendizagens das crianças.

O estudo que realizamos e que tinha como objectivo geral, conhecer os constrangimentos e potencialidades do currículo na voz das responsáveis de sala, trouxe informações pertinentes para o contexto educativo santomense, ao nível da educação pré-escolar. O estudo foi realizado em seis estabelecimentos infantis, através de entrevistas a doze responsáveis de sala, sendo seis dos quais trabalham com meninos de quatro anos e seis trabalham com meninos dos cinco anos.

Relativamente às percepções das responsáveis de sala sobre o currículo, podemos dizer que elas são globalmente positivas. Ter de discutir e reflectir com os colegas a implementação das actividades propostas no currículo, veio provocar a necessidade de reflexão sobre a prática, característica fundamental para o desenvolvimento profissional. Este aspecto talvez seja uma das consequências com maior impacto na actuação das responsáveis de sala. O currículo em causa é hoje um instrumento de trabalho, vivo e vivido na acção que se deseja mais fundamentada. Com a implementação do currículo, as responsáveis de sala sentiram-se mais seguras por terem um referencial sobre como agir com as crianças, tornando-se mais confiantes na sua acção.

Ao nível dos aspetos positivos, o currículo recentemente implementado, parece ter implicado a discussão sobre as práticas entre responsáveis de sala, permitindo uma grande

interacção entre os docentes e a experimentação de actividades novas, organizadas em conteúdos.

Em relação às dificuldades o estudo identificou que se algumas se prendem com a compreensão do que está expresso no documento, em parte devido à linguagem utilizada, que por ser em português do Brasil, cria algum atrito no entendimento do que é solicitado. Outra dificuldade está relacionada com o espaço físico das salas, que por ser pequeno (ou comportar muitas crianças por sala), impede a realização de algumas actividades propostas.

O estudo fez também emergir a dificuldade das responsáveis de sala na sua autonomia para a planificação de actividades propostas da sua iniciativa. Este aspecto requer uma atenção particular no futuro, pois levanta a questão deste currículo ser muito prescritivo, com muitas propostas de actividades para o planeamento diário e mensal. Se por um lado ele ajuda a ter referências para o trabalho com as crianças, por outro lado parece-nos que também é sentido como inibidor de uma acção mais ligada às emergências do contexto. Como já assinalámos noutra espaço, parece-nos que estamos perante um currículo uniforme, pensado de cima para baixo, deixando pouco espaço para a criatividade das responsáveis de sala. Esta situação também pode estar relacionada com a falta de formação pedagógica identificada pelos participantes. O facto de não terem formação em pedagogia parece ser um factor muito limitador da sua autonomia em termos de acção pedagógica. Falamos aqui, não de uma acção do fazer, mas uma acção do saber fazer, do como fazer do porquê fazer.

Conseguimos perceber que os espaços das salas, por serem reduzidos, dificultam a operacionalização de algumas actividades propostas e que a redacção do texto desse documento nem sempre é explícita para as participantes no estudo. Este será também um dos constrangimentos na implementação do currículo.

Algumas áreas de conteúdos como por exemplo a Matemática, o Meio Físico e as Expressões ainda constituem um obstáculo no que diz respeito à planificação e implementação das actividades em seu pleno. Um outro aspecto a realçar que emerge do estudo é a necessidade de formação contínua.

Sobre o processo da supervisão que acompanha a prática das responsáveis de sala, o estudo parece indicar que de modo geral é positivo, pois os participantes consideram que o papel dos supervisores é de apoio, dá sugestões e ajuda a esclarecer dúvidas. No entanto, e apesar de ter sido referido apenas por uma das participantes no estudo, parece também haver alguma necessidade de formação dos supervisores. Através da análise de dados foi possível identificar a prática de correção do erro, em relação a algumas práticas das responsáveis de sala. Será que estamos perante uma ideia de supervisão correctiva e avaliativa?

Os tempos de planificação quinzenal são também aqui referidos como fundamentais às necessidades de formação dos responsáveis de sala.

Em suma, a implementação do currículo veio mudar o paradigma, incrementar uma nova dinâmica das práticas pedagógicas, apesar de ainda existir alguns constrangimentos que precisam ser ultrapassados.

Limitações do estudo

Este estudo apresenta algumas limitações que em parte se prendem com uma análise, que consideramos poderia ter sido mais aprofundada e sustentada teoricamente de modo a fundamentar alguns resultados da análise.

O facto de a investigadora ter realizado pela primeira vez entrevistas, parece-nos agora que poderíamos ter explorado mais as falas dos entrevistados de modo a que explicitassem melhor, com mais clareza, algumas das afirmações que fizeram.

Algumas sugestões

Parece-nos que este estudo é um bom ponto de partida para continuar a investigação sobre o currículo para a educação pré-escolar em STP. Pensamos que um outro estudo com *design* semelhante a este pode utilizar o currículo (a sua estrutura, as propostas e os conteúdos curriculares) como base para a construção de um guião de entrevista a responsáveis de sala, no sentido de compreender como elas de facto entendem o que está escrito no documento.

Uma reflexão que surgiu posteriormente à realização do processo investigativo está associada à participação das crianças na gestão currículo. Sabendo hoje que é fundamental

para a aprendizagem das crianças a sua participação no planeamento e na avaliação das actividades, será que neste currículo há espaço para a participação das crianças na gestão do mesmo? Ou são meras receptoras e fazedoras de actividades? Estas perguntas podem ser o ponto de partida para novas investigações.

Bibliografia

Alonso, L. (2002). Integração Currículo-Avaliação: Que significados? Que constrangimentos? Que implicações? In *Avaliação das Aprendizagens. Das concepções às práticas*. Lisboa: ME-DEB

Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Camblé A. E.S. N. (2016). A supervisão e orientação pedagógica de educadores e professores em São Tomé e Príncipe: proposta de um programa de desenvolvimento profissional. *Dissertação de Mestrado*. Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Santarém, Portugal.

Cardoso, M. M. (2014). Educação, Formação, Investigação em S. Tomé e Príncipe - Será uma aposta do país no caminho para o Desenvolvimento? *A Questão Social do Novo Milénio*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais.

Couto, R. M., Ribeiro, F. N., Portas, R., & Neves, K. P. (2016). Design para uma Educação Inclusiva. In *São Tomé e Príncipe um espaço interdisciplinar de Projeto* (pp. 196-227). São Paulo: Blucher.

Day, C. (2001). *Desenvolvimento Profissional de Professores. Os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora

Delor, J. (1996). *Um Tesouro a Descobrir. Educação, um Tesouro a Descobrir*. Porto: ASA

Duarte, C. (2014). *Mudança Organizacional e Gestão Curricular: Contributos da Cultura Colaborativa para a Qualidade*. Évora: Universidade de Évora.

EDUCAÇÃO PARA TODOS – EPT. S.TOMÉ. (2002).

Esteves, M. (2006). A análise de conteúdo. In J. A. Lima, & J. A. Pacheco (Orgs.), *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-126). Porto: Porto Editora.

Formosinho, J. (2001). A Formação prática de professores. Da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas. In B. P. Campos (org). *Formação profissional de professores no ensino superior* (pp. 46-64). Cadernos de Formação de Professores, 1, INAFOP. Porto: Porto Editora

Formosinho, J. (2007). Prefácio. In J. Oliveira-Formosinho, T. Kishimoto e M. Pinazza (Orgs). *Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o passado, construindo o futuro*. São Paulo: Artmed

Formosinho, J.O. (2002). *A supervisão na Formação de Professores II Da Organização à Pessoa*. Porto: Porto Editora.

Formosinho, J. & Machado, J. (2016). Diversidade discente e equipas educativas. In J. Formosinho, J. M. Alves & J. Verdasca (org.) In *Nova Organização Pedagógica da Escola* (pp. 41-56). Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão.

Garcia, C. M. (1999). *Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.

Haddad, L. (26 de Janeiro de 2014). *Pedagogia com Infância: Currículo na Educação Infantil*. Obtido em Agosto de 2018, de [http:// Pedagogia na Infancia. blogspot.com/2014/01/currículo-na-educacao-infantil.html](http://Pedagogia na Infancia. blogspot.com/2014/01/currículo-na-educacao-infantil.html).

Lei n. °2/2003. Lei de Bases do Sistema Educativo. República Democrática de São Tomé e Príncipe, Ministério da Educação e Cultura (publicação de outubro de 2010, com apoio do UNICEF).

LEITE, C. (2003) *Para uma escola curricularmente inteligente*. Porto: Edições ASA.

Mahjoub, R. (2015). *Avaliação das Competências das Crianças à Entrada no Ensino Básico em S.Tomé e Príncipe*. Escritório Regional do UNICEF para África Ocidental e Central.

Maximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.

Ministério de Educação e Cultura (2002). *Educação para Todos-EPT, Plano Nacional de Ação- 2002-2015*. República Democrática de São Tomé e Príncipe.

Ministério da Educação (2012). *Carta Educativa*. S.Tomé Ministério da Educação, Cultura, Ciência e Comunicação.

Pacheco, J (2001). *Currículo: Teorias e práticas*. Porto: Porto editora

Ponte, J. P. (1994). O desenvolvimento profissional do professor de matemática. *Educação e Matemática*, 31, 9-12-20.

Portugal, G. (2012). Referencial Curricular de STP. Aveiro: Revista Portuguesa de Investigação

Couto, R.M.; Ribeiro, F. N.; Portas, R.; Neves, M.A. (2016). Design para uma Educação Inclusiva. In *São Tom é e príncipe um Espaço interdisciplinar de Projeto* (pp. 195-227). São Paulo: Blucher.

Rodrigues, T.M. S. (2014). *Supervisão e orientação pedagógica como processo de formação contínua: caso de São Tom é e Príncipe*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Santarém, Portugal.

Roldão, M. C. (2002). *Professores e Gestão do Currículo*. Porto: Porto Editora.

Roldão, M. d. (2008). *Formação de professores, Currículo, Supervisão*. Santarém: Escola Superior de Santarém.

Salvaterra, M. J., Espírito Santo, B. A., & Trigueiros, A. M. G. (2002). *Estudo sobre a situação da educação pré-escolar em São Tom é e Príncipe*. UNICEF, República Democrática de São Tom é e Príncipe. Ministério da Educação e Cultura

Vieira, F. (1993). *Supervisão: Uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições Asa.

Young, M. (2010). *Conhecimento e Currículo*. Porto: Porto Editora

Zabalza, M. (1997). *Planificação e Desenvolvimento Curricular*. Porto: Edições ASA.

Apêndice I – Exemplo de entrevista

Nesta entrevista, toda a informação fornecida será anônima e usada apenas para este estudo. Não existem respostas certas ou erradas, todas representam a forma de cada um pensar ou agir.

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<p>Apresentação do estudo</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado;</p> <p>Dar informação sobre o estudo e os objetivos da entrevista;</p> <p>Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato das entrevistadas.</p> <p>Solicitar autorização para gravação áudio;</p> <p>Colocar à disposição das entrevistadas os resultados da investigação</p>
Recolher dados acadêmicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais são as suas habilitações académicas?</p> <p>R: 9^o ano.</p> <p>2- Quanto tempo tem de serviço?</p> <p>R: 5 anos.</p> <p>3- Há quantos anos encontra-se a lecionar neste Jardim/ Creche?</p> <p>R: 2 anos.</p> <p>4- Participou em sessões de formações no âmbito da implementação do currículo para a educação pré-escolar?</p> <p>R: Não, vim transferida para aqui e encontrei o currículo a meio e segui.</p>
Conhecer a experiência da entrevistada com o novo currículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo currículo na educação pré-escolar?</p> <p>R: 2 anos.</p>
Compreender e caracterizar as percepções sobre a implementação do currículo da Educação Pré-escolar.	<p>6- Qual é a sua opinião sobre o novo currículo?</p> <p>R: <i>O novo currículo está indo bem, porque veio para desenvolver mais o nosso entendimento. Esse currículo está a ajudar-me bastante. Havia muitas coisas que eu não sabia. Já comecei a aprender muitas coisas novas com as minhas colegas e estou mesmo a desenvolver o conhecimento das crianças.</i></p> <p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p>R: <i>Provocou sim, porque quando eu comecei, comecei sozinha ser ter muita experiência. Quando eu vim para aqui criei mais desenvolvimento, já fiquei mais dentro da matéria, já consigo trabalhar à vontade com as crianças e já consigo levar as crianças entenderem uma aula como deve ser, mesmo com visitas ou sem visitas, já fico mais à vontade.</i></p>

	<p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?</p> <p>R: <i>Nossa sala é uma sala à vontade, dá para trabalhar normalmente com as crianças porque podemos dividir em grupo as crianças. O que nos prejudica mais são os materiais didáticos, não temos materiais didáticos para implementar o currículo como deve ser; arranjamos materiais que a natureza nos fornece, estamos sempre dentro do trabalho.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p>R: <i>Como eu havia dito é sobre o material. Não tenho tempo para fazer materiais para a sala.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos.</p> <p>R: <i>Houve um momento sim; foi o momento em que houve feira educativa, tivemos que associar com outras colegas para ver o que vamos fazer o que falta, para promover um intercâmbio entre colegas.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas?</p> <p>R: <i>Esse currículo veio mesmo para ajudar, veio num bom momento porque assim já conseguimos trabalhar em equipa em que um ajuda a tirar a dívida do outro e criamos muitas experiências novas; por acaso veio num bom momento.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo?</p> <p>R: <i>Para valorizar o currículo é que nós aprendemos a trabalhar mais com coisas da terra, vamos buscar mais coisas da natureza; ajudamos as crianças também a buscar coisas de outro País para desenvolvimento das crianças. Estamos mesmo indo num bom caminho porque as crianças estão tendo uma ideia ampla. Fazemos algumas actividades chamamos os pais para assistir o que as suas crianças estão a aprender, os pais ficam a gostar porque as crianças já conseguem escrever o seu nome sem ir consultar a ficha. As crianças já conhecem os números, o alfabeto, jogos de preenchimento e tabelas... muitas coisas mesmo.</i></p> <p>13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo?</p> <p>R: <i>Eu considero sim, porque cada dia que passa eu estou aprendendo coisas novas</i></p>

	<p><i>coisas que eu não sabia estou a aprender. Depois de terminar o trabalho, as crianças saem, nós sentamos para discutir como foi o 1º tempo, discutimos o que não entendemos, discutimos o que falta para a próxima aula, porque esse currículo repete-se; e assim vamos estar aplicadas para a aula a seguir.</i></p> <p>14- O seu plano promove formação conjunta de modo a garantir situações de reflexão conjunta sobre a prática?</p> <p>R: <i>Não, não fazemos, por isso mesmo é que estamos a precisar de mais formações.</i></p> <p>15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma?</p> <p>R: <i>Aqui apoiamos também quando uma colega não está. E quando uma colega tem dificuldades vai ter com a outra que já trabalhou nisso.</i></p> <p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porquê?</p> <p>R: <i>Já no pátio, se existe uma colega que está há mais tempo no trabalho, eu digolhe quero assistir a aula dela no 1º tempo e no 2º tempo apresento para que ela possa ver.</i></p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas?</p> <p>R: <i>Costumo.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação?</p> <p>R: <i>Minha necessidade de formação é desenvolver mais o meu trabalho nesse currículo, estar mais apta para trabalhar com os meus meninos e adquirir mais experiência.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo?</p> <p>R: <i>A supervisão é boa, é de elogiar porque quando elas vêm e conseguem ajudar-nos a estar mais dentro da matéria, saber qual é a nossa dificuldade mais no terreno; quais são as nossas dificuldades, o que manter e o que mudar, ajudam-nos a ser mais aptas e seguras no trabalho.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíam para a sua formação?</p> <p>R: <i>Duas ajudas foram, 1º foi dona Alice que ajudou-me bastante, eu não encontrava assim bem situada dentro do currículo, trabalhava mas com dificuldades; se iniciasse um trabalho eu não conseguia bem terminar o meu trabalho. Então foi de elogiar, ajudaram-me bastante, eu sinto-me segura agora a trabalhar com as crianças. A</i></p>

	<i>Dona Tom é disse que devia sentir-me em casa, que estava dentro do currículo... Foi uma grande ajuda por acaso.</i>
--	--

Apêndice II – Pedido de autorização para recolha de dados

Exmo. (a) Senhor(a) Gestor(a)

São Tomé 25 de Janeiro de 2018

Assunto: Solicitação de participação em projecto de investigação

Sou Educadora de Infância actualmente desempenho a função de supervisora central da direcção da educação pré-Escolar e encontro-me a desenvolver, na Universidade de Évora em São Tomé sob a orientação da professora doutora Ana Artur, um trabalho de investigação no âmbito do mestrado em Ciências da Educação: Administração e Regulação de Políticas Educativas.

A investigação, consiste numa entrevista aos educadores/ auxiliar pedagógico de modo a compreender os desafios e potencialidades na implementação do currículo.

Para que esta investigação seja realizada com sucesso, solicito a V. Exa. a autorização para entrevistar os respectivos, Educadores/Auxiliares Pedagógicos, garantindo-lhe que todas as informações facultadas serão absolutamente confidenciais e destinadas apenas ao referido fim.

Agradeço a sua colaboração e, desde já manifesto total disponibilidade para dar a conhecer os resultados desta investigação, caso exista interesse da vossa parte.

Grata pela atenção e disponibilidade, subscrevo-me com consideração.

(Augusta Maria Cravid da Conceição Monteiro)

Apêndice III – Transcrição das entrevistas

GUIÃO DA ENTREVISTA AOS EDUCADORES /AUXILIAR PEDAGÓGICO

Nesta entrevista, toda a informação fornecida será anónima e usada apenas para este estudo. Não existem respostas certas ou erradas, todas representam a forma de cada um pensar ou agir.

N.º da entrevista	1
Idade	32
Género	Masculino
Faixa etária que lecciona	4 Anos
Função que desempenha	Auxiliar pedagógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação• Solicitar a colaboração do entrevistado;• Dar informação sobre o estudo e os objetivos da entrevista;• Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato das entrevistadas.• Solicitar autorização para gravação áudio;• Colocar à disposição das entrevistadas os resultados da investigação;• Agradecer a disponibilidade e a colaboração.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais são as suas habilitações académicas? R: <i>Tenho 12º ano e o 2º ano de licenciatura.</i></p> <p>2- Quanto tempo tem de serviço? R: <i>Tenho 9 anos de serviço.</i></p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: <i>Neste Jardim eu trabalho há 2 anos.</i></p> <p>4- Participou em sessões de formações no âmbito da implementação do</p>

	<p>currículo para a educação pré-escolar?</p> <p>R: <i>Sim, acho que participei em quase todas as formações que a pré-escolar ministrou à luz da implementação do currículo.</i></p>
<p>Conhecer a experiência da entrevistada com o novo currículo</p>	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo currículo na educação pré-escolar?</p> <p>R: <i>Eu comecei desde a fase inicial, desde a testagem até à fase da generalização do currículo.</i></p>
<p>Compreender e caracterizar as percepções sobre a implementação do currículo da educação pré-escolar.</p>	<p>6- Qual a sua opinião sobre o novo currículo?</p> <p>R: <i>Em relação ao novo currículo eu queria dizer o seguinte: o Pré-escolar já necessitava há muito tempo de uma reforma, esse currículo veio ditar essa reforma na educação, que a educação sempre precisou. A opinião que eu tenho é que foi muito importante essa reforma.</i></p> <p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p>R: <i>Sim, provocou muitas alterações, outrora o plano e as actividades eram estáticas, agora com o novo currículo alargou-se a dimensão do conhecimento, ela é aberta; o conhecimento é aberto, por exemplo, nas actividades, antigamente, nós tínhamos uma actividade que, por exemplo, era falar da planta e só se falava da planta. Agora não: quando se tem uma actividade desse tipo vai-se explorar tudo quanto faz parte da planta, quanto a cores, como ela nasceu desde a semente e isso tudo... generaliza-se todo o conhecimento. Agora o plano é aberto dá para explorar tudo quanto é contido.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?</p> <p>R: <i>Quanto a organização, tinha que se tomar mais em conta as questões dos materiais, porque o próprio currículo ele trouxe também alguns materiais que antes nós não tínhamos. Esses materiais ficam espalhados na sala então nós temos que ter mais atenção com os materiais em termos de sala de aula assim organização de materiais e cuidado com esses mesmos materiais. Nós temos a placa que a Pré-escolar deu temos que se colocar na parede com os dias de actividade e cores os cartazes bem dizer os cartazes então tem que se ter em conta isso tudo, mudou bastante a dinâmica da sala.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p>R: <i>Hum, dificuldade, eu não diria. Mas no início, fase de testagem claro, era uma coisa nova, então tem que se ter um bocado de dificuldade, porque coisa nova a gente tem que se adaptar a essa coisa nova, depois de adaptação tornou-se uma coisa normal, e já não há problema, já não há dificuldades. Nós já</i></p>

	<p><i>estamos dentro do currículo, já dominamos o currículo, já dominamos bastante o currículo, acho que já não tem nenhuma dificuldade.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos? R: <i>Existe alguns momentos de debate entre colegas quando alguma situação não está esclarecida. Nós reunimos em grupos para tentar descodificar uma actividade ou problema encontrado... são esses momentos.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas? R: <i>Sim, eu penso que sim. Nós temos os supervisores, acho que a visita dos supervisores serve para verem estas questões, para partilhar conhecimento e interagir com o grupo sobre a implementação do currículo.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo? R: <i>Para valorizar o currículo a estratégia consiste em fazer a divulgação com outras pessoas para valorizar e falar do currículo para outras pessoas; especialmente, para quem não conhece, por exemplo, quem não faz parte da Educação Pré-Escolar e precisa também saber do currículo e saber o quanto o currículo é importante para o País e as crianças.</i></p> <p>13- Está habituado a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo? R: <i>Foi produtivo; houve momentos de debates e nós chegamos sempre a uma conclusão e essa conclusão fica no entendimento de todas as pessoas. Logo é produtivo; quem não sabia fica a saber.</i></p> <p>14- O seu plano promove formação contínua de modo a garantir situações de investigação – ação e de reflexão conjunta sobre a prática? Como? R: <i>Sim, meu plano faz isso, sim. Normalmente, no final do ano letivo nós temos um semináriozinho em que sempre se toca nas coisas para não deixar perder o conteúdo. Então promove-se o seminário para voltar a falar; nunca é demais falar de uma situação ou de uma actividade.</i></p> <p>15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma? R: <i>Sim, com certeza, porque eu como colega, sempre que uma colega tem uma dificuldade e recorre a mim, tendo eu experiência com o currículo, tento fazer</i></p>

	<p><i>com que ela entenda como se faz a atividade.</i></p> <p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porquê?</p> <p>R: <i>Sim, por exemplo, as atividades em que uma colega ou um colega tem dificuldade nós podemos trocar atividade, A colega faz atividade no 2º tempo e eu faço no 1º tempo e ela vem observar como é que se faz para que no 2º tempo ela possa fazer. É uma forma de intercâmbio e passar conhecimento.</i></p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas?</p> <p>R: <i>Sim, eu observo sim.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação?</p> <p>R: <i>Quanto à formação, eu tenho a necessidade de formação contínua uma vez que o conhecimento não é estático, ele evolui sempre, de acordo com a necessidade. Então temos essa necessidade de formação contínua.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo?</p> <p>R: <i>A supervisão é sempre uma coisa boa, quando nós tivermos que implementar um serviço do tipo currículo, temos que ter a supervisão para nós sabermos se o trabalho está a correr como previsto senão há algum erro, alguma lacuna, alguma coisa. É sempre bom haver supervisão para sabermos onde há erros para corrigimos.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíram para a sua formação?</p> <p>R: <i>Dois tipos de ajuda da supervisão. A supervisão ajuda no momento que ela está presente; ajuda quando encontra algum erro, ou seja, se não existe erros, a supervisão não ajuda. No meu caso especial não houve nenhuma ajuda da supervisão. Sempre as coisas correram da melhor forma possível, posso dizer que não houve erros.</i></p>

OPINIÃO: Eu gostaria de frisar no ponto da supervisão. No momento a supervisão é a coisa mais importante da implementação deste currículo, porque a supervisão é que vai ditar como é que o trabalho está a decorrer, se há alguma lacuna ou não. Mas só que os técnicos vêem a supervisão como uma ameaça, porque quando a supervisão está por perto as pessoas já não conseguem trabalhar como deve ser, por exemplo, uma atividade em que um técnico sabe, já não consegue executá-la por causa do medo da supervisão. Não sei ao certo se é um

problema do técnico ou se é apenas a impressão que a supervisão deixa. Deste modo, eu gostaria que houvesse um seminário que abordasse este ponto, relativo às funções do supervisor. Assim, os técnicos poderiam ter alguma ideia de quem é supervisão e o que o supervisor, realmente, faz, o que o mesmo deve fazer e o que não deve fazer. Só assim os técnicos saberão lidar, realmente, com a supervisão. Os técnicos, no meu entender têm muito medo da supervisão.

N. °da entrevista	2
Idade	40
G énero	Feminino
Faixa et ária que lecciona	5 Anos
Fun ção que desempenha	Auxiliar pedag ógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta ção • Solicitar a colabora ção do entrevistado; • Dar informa ção sobre o estudo e os objectivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informa ções e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autoriza ção para grava ção áudio; • Colocar à disposi ção das entrevistadas os resultados da investiga ção; • Agradecer a disponibilidade e a colabora ção.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais s ão as suas habilita ções acad émicas? R: <i>12 ºano.</i></p> <p>2- Quanto tempo tem de servi ço? R: <i>Eu tenho 7 anos de servi ço.</i></p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: <i>Há 3 anos.</i></p> <p>4- Participou em sess ões de forma ções no âmbito da implementa ção do curr ículo para a educa ção pr é-escolar? R: <i>Sim.</i></p>
Conhecer a experi ência da entrevistada com o novo curr ículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo curr ículo na educa ção pr é-escolar? R: <i>Desde in ício do outro at é total generaliza ção no Pa í.</i></p>
Compreender e caracterizar as	<p>6- Qual a sua opini ão sobre o novo curr ículo? R: <i>O novo currículo para mim é de louvar, é bom é uma coisa nova e... está para al ém do que faz ámos dantes, esse curr ículo é uma boa coisa que veio para a pr é- escolar.</i></p>

<p>percepções sobre a implementação do currículo da educação pré-escolar.</p>	<p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p>R: <i>Provocou, é essa mudança eu vejo diariamente no meu serviço, por exemplo, antes se eu estivesse a falar da cor ou da flor eu fico só limitado à flor, à pétala. Mas hoje em dia com o novo currículo da Pré-escolar eu vou falar da flor, e eu falo da planta, raiz, caule, também falo do tempo, da chuva, do sol; e se não tiver chuva, a água para regarmos a planta.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?</p> <p>R: <i>Eu vejo mais impacto nos trabalhos... Primeiro, a sala da Pré-escolar é pequena para o número de meninos que temos. Em segundo lugar, o novo currículo diz que trabalho dos meninos não deve ser exposto na sala e depois ser recolhido passado uma semana. Como tenho uma sala pequena, não posso expor o trabalho de todos os meninos e se ponho apenas de alguns, os outros podem ficar chateados. O novo currículo diz que as crianças têm que ter material disponível para manusear, manipular, explorar, fazer tudo quanto elas precisam mas não tenho material suficiente para todos, temos sempre que arranjar uma outra maneira.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p>R: <i>É, primeiramente, a interpretação. Quando iniciou-se o currículo, nós tivemos grandes problemas com a interpretação. Eu não sei se o problema é o português, por ser português Brasileiro. Muitas palavras para nós eram um bicho-de-sete-cabeças mas eram coisas fáceis e com o tempo, nós conseguimos superar isso tudo.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos?</p> <p>R: <i>Sim, por exemplo, nós que estamos com as crianças de 5 anos dizemos aos que estão com crianças de 3 anos para fazerem as atividades para enriquecer mais as atividades deles. Assim estamos a dar ideias para começar com o novo currículo, para não ficar fechado no antigo currículo. Começa-se já a habituar com o novo currículo porque dia após dia vai-se generalizar aos 3,4 e 5 anos.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas?</p> <p>R: <i>Sim, sim, nós partilhamos, por exemplo nós temos planificação quinzenal na qual nós participamos activamente com exemplos, com opiniões, com ideias sempre inovações... Se ano passado eu trabalhei numa atividade deste jeito, no outro ano eu não vou trabalhar da mesma forma. Sempre há inovação e quando</i></p>

nós vamos para o terreno aqui no nosso Jardim, se uma colega tem dúvida ou esqueceu-se de alguma coisa depois da planificação nós reunimo-nos e discutimos a atividade.

12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo?

R: Desde o meu trabalho, desde a minha actividade, desde a minha capacidade e vontade de trabalhar, eu já estou a valorizar o currículo. Porque eu posso escutar mas se não tenho essa vontade de trabalhar eu não estou a valorizar o currículo, eu não estou a pôr em prática o que eu estou a aprender.

13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo?

R: Eu sempre tenho estado a participar. Para mim é positivo porque eu saio de lá com muitos conhecimentos. Também mais amigas, o que é uma mais-valia para mim.

14- O seu plano promove formação contínua de modo a garantir situações de investigação – ação e de reflexão conjunta sobre a prática? Como?

R: Sim, nós costumamos a fazer uma formação no fim do ano letivo, em meados do mês de Julho. Anualmente também temos uma formação, um seminário, e esse seminário é muito bom. Não basta apenas seguir o currículo. Com a minha experiência e das minhas colegas, nós podemos também ajudar o formador a formar outros colegas que não estão dentro do novo currículo.

15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma?

R: Eu tenho estado a ajudar. De que forma?! Por exemplo eu recebo estagiárias e terei que preparar essa estagiária. Mas não ajudo só estagiárias, muitas das vezes a Pré-Escolar envia-nos técnicas pela 1ª vez na sala, mesmo que passaram pela formação e estagiaram, mas nesse momento é uma coisa um bocadinho estranha para ela, então eu terei que fazer o meu melhor para ensinar, explicar; depois ela irá fazer para eu assistir.

16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porquê?

R: Sim, pela minha colega, a minha Supervisora, a minha Orientadora, a minha Coordenadora e os Professores. Isto porque eu fui aluna da ENFOP. Eu também já fui estagiária e já vieram cá os professores para assistir a minha aula, e neste momento eu tinha que ser muito segura.

	<p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas?</p> <p>R: <i>Sim, elas tamb én costumam ver a minha aula, porque mesmo na planifica ção eu dou aulas.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação?</p> <p>R: <i>Sei lá...necessidade de formação cont íua como já referi. Poderia ser anualmente, no mês de Julho. Essa formação tem que ter inova ção, não poder ser só o que estão no curr ículo mas, quem sabe, um bocado de teoria e um bocado de prática para estarmos preparados e capacitados para levar essa formação para os nossos meninos na sala.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo?</p> <p>R: <i>A supervisão é boa, é de louvar estar sempre algu én perto dos técnicos, a acompanhar os técnicos. Mas muitos vêm a supervisão como uma coisa, um bicho de sete cabe ça porque quando vêm, só vêm criticar, não sabem elogiar o trabalho do técnico no terreno e se encontram algo d errado chamam à parte para acertar o ponto no ponto. Por isso que quando estou a trabalhar, se vejo uma supervisora fico toda trapalhada, porque eu sei que ela vai dizer que uma coisa não está bem, e, embora, eu ache que isso está bem eu fico com medo. Muitas vezes eu fico atrapalhada, nem consigo falar com as crianças na presença da supervisora. Mas tamb én há momentos em que a Supervisão critica mas explica o que está mal e ensina como se faz para não comentarmos o mesmo erro.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíam para a sua formação?</p> <p>R: <i>Na minha opinião, é melhor quando a supervisão mete a mão na massa, por exemplo a ajudar-me a distribuir o material e a explicar as atividades, como se fosse minha colega de sala, em vez de ficar com os braços cruzados, só a supervisionar. Se assim for fico um bocado indiferente e com medo mas desde o momento que eu envolvo a orientadora, como se fosse a minha colega de sala, acho que eu trabalho com mais dinâmica, mais agilidade, mais e satisfa ção, eu fico mais à vontade, porque não estou a vê-la como minha orientadora.</i></p>

Opinião: Para mim está tudo bem com o novo currículo. Eu tenho estado a conversar com os pais e também eles nos nossos encontros e reuniões, falam muito bem do currículo pré-escolar dos seus meninos em casa. Os meninos escrevem os seus nomes, letra cursiva e letra bastão, já fazem leitura da palavra, conseguem decifrar as letrinhas e os números. Por

exemplo, por exemplo, os meninos veem o relógio e dizem os números. Muitos também conseguem ver a expiração do produto, já que nós falamos da expiração do produto eles já têm noção. Os meninos também já conseguem formar a dúzia e a dezena, conhecem as cores, a natureza, preservação do meio ambiente, reciclagem e reutilização dos materiais já utilizados. Isso é bastante bom, e é por isso que eu, na qualidade da Técnica da Pré-Escolar, eu não concordo quando os pais dizem que os meninos só aprendem a primeira letrinha do seu nome; porque eu vou mais além. Nos programas televisivos alunos da 7^a, 8^a, 9^a e 10^a classes não sabem responder às perguntas banais que os nossos meninos da Pré-Escolar respondem. As pessoas não sabem na rua, por exemplo, o nome do Presidente da República, qual é o presidente da república, qual é o primeiro-ministro, mas na sala da pré-escolar perguntamos e os meninos na sala são capazes de responder. Os adultos não sabem entoar o hino nacional, os alunos da pré-escolar sabem entoar o hino nacional embora não todos.

N.º da entrevista	3
Idade da entrevistada	26
Género	Feminino
Faixa etária que lecciona	4 Anos
Função que desempenha	Auxiliar pedagógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação • Solicitar a colaboração do entrevistado; • Dar informação sobre o estudo e os objetivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autorização para gravação áudio; • Colocar à disposição das entrevistadas os resultados da investigação; • Agradecer a disponibilidade e a colaboração.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais são as suas habilitações académicas? R: 9º ano.</p> <p>2- Quanto tempo tem de serviço? R: 5 anos.</p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: 2 anos.</p> <p>4- Participou em sessões de formações no âmbito da implementação do currículo para a educação pré-escolar? R: Não, vim transferida para aqui e encontrei o currículo a meio e apenas segui.</p>
Conhecer a experiência da entrevistada com o novo currículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo currículo na educação pré-escolar? R: 2 anos.</p>
Compreender e caracterizar as percepções sobre a implementação do	<p>6- Qual a sua opinião sobre o novo currículo? R: Novo currículo está indo bem porque veio para desenvolver mais o nosso entendimento, esse currículo está a ajudar-me bastante. Muita coisa que eu não sabia já comecei a aprender com as minhas colegas e estou mesmo a desenvolver</p>

<p>currículo da educação pré-escolar.</p>	<p><i>o entendimento das crianças.</i></p> <p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p>R: <i>Provocou sim, porque quando eu comecei, comecei sozinha ser ter muita experiência quando eu vim para aqui criei mais desenvolvimento já entrei mais fiquei dentro de matéria já consigo trabalhar a vontade com criança e já consigo levar uma criança entender uma aula como se deve mesmo com visita ou sem visita já fico mais a vontade.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?</p> <p>R: <i>Nossa sala que dá para trabalhar normalmente com as crianças porque podemos dividir em grupo as crianças o que nos prejudica mais são os materiais didáticos, não temos materiais didáticos para implementar o currículo como dever ser. Arranjamos materiais que a natureza nos fornece estamos sempre dentro do trabalho.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p>R: <i>Como eu havia dito é sobre o material.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos?</p> <p>R: <i>Houve momento sim, quando houve a feira educativa, tínhamos que associar com outras colegas para ver o que iríamos fazer, o que falta o que vamos fazer, o que havia e o que não havia.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas?</p> <p>R: <i>Esse currículo veio mesmo para ajudar; veio num bom momento porque assim já conseguimos trabalhar em equipa. Uma ajuda a tirar dúvida do outro e criamos muitas experiências novas.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo?</p> <p>R: <i>Para valorizar o currículo nós aprendemos a trabalharmos mais com as coisas da terra, vamos buscar mais coisas da natureza., ajudamos as crianças também a buscar coisas de outros Países. Para desenvolvimento das crianças estamos mesmo indo num bom caminho porque as crianças estão a ter uma ideia ampla. Fazemos algumas atividades, chamamos os pais para assistir o que as suas crianças estão a aprender e os pais ficam a gostar do facto de as</i></p>

	<p><i>crianças já conseguirem, por exemplo, escrever o seu nome sem olhar para ficha.</i></p> <p>13- Est á habituada a participar em momentos de debate e discuss ão de experi ências com os colegas? Em que situa ções? Considera que foi produtivo?</p> <p>R: <i>Eu considero sim, porque cada dia que passa eu estou aprendendo coisas novas coisas que eu n ão sabia. Depois de terminar o trabalho e de as crian ças sa írem n ós sentamos numa boa para discutir como foi 1 ºtempo e discutimos e o que falta o que n ão falta para pr óxima aula, porque esse curr ículo repete-se...assim vamos estar aplicadas para a aula a seguir.</i></p> <p>14- O seu p ão promove forma ção cont ínua de modo a garantir situa ções de investiga ção – a ção e de reflex ão conjunta sobre a pr ática? Como?</p> <p>R: <i>N ão, n ão fazemos, por isso mesmo é que estamos a precisar de mais forma ções.</i></p> <p>15- Tem por h ábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma?</p> <p>R: <i>Aqui apoiamos tamb ém quando uma colega n ão está. E quando uma colega tem dificuldades vai ter com a outra que já trabalhou nisso.</i></p> <p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porqu ê?</p> <p>R: <i>Já, no p átio, se existe uma colega que está há mais tempo no trabalho, eu digo-lhe quero assistir a aula dela no 1 ºtempo e no 2 ºtempo apresento para que ela possa ver.</i></p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas?</p> <p>R: <i>Costumo.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais s ão as suas necessidades de forma ção?</p> <p>R: <i>Minha necessidade de forma ção é desenvolver mais o meu trabalho nesse curr ículo, estar mais apta para trabalhar com os meus meninos e adquirir mais experi ência.</i></p> <p>19- Qual a sua opini ão sobre a supervisão que é efetuada ao longo deste processo?</p> <p>R: <i>A supervisão é boa. É de elogiar porque quando elas vêm e conseguem ajudar-nos a estar mais dentro do curr ículo e tentam saber qual é nossa dificuldade mais no terreno, quais s ão as nossas dificuldades, o que manter e o que mudar para sermos mais aptas e seguras no trabalho.</i></p>

	<p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíram para a sua formação?</p> <p>R: <i>Duas ajudas foram, 1ª foi dona Alice que ajudou-me bastante, eu não encontrava assim bem situada dentro do currículo, trabalhava mas com dificuldades; se iniciasse um trabalho eu não conseguia bem terminar o meu trabalho. Então foi de elogiar, ajudaram-me bastante, eu sinto-me segura agora a trabalhar com as crianças. A Dona Tom disse que devia sentir-me em casa, que estava dentro do currículo... Foi uma grande ajuda por acaso.</i></p>
--	---

Opinião: Sobre esse currículo eu só tenho que agradecer aos Brasileiros que trouxeram esse currículo para São Tomé que está a ajudar-nos muito e também aos meninos. O que está muito difícil é a parte das canções, não temos muito tempo para implementar canções novas. Precisamos de arranjar um pouco de tempo, uma hora vaga mesmo na rodinha de conversa, para introduzir canções novas. O que estamos a precisar é de mais material, falta muito material. De resto está tudo bem.

N. ºda entrevista	4
Idade	38
G énero	Feminino
Faixa et ária que lecciona	5 Anos
Fun ção que desempenha	Auxiliar pedag ógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta ção • Solicitar a colabora ção do entrevistado; • Dar informa ção sobre o estudo e os objectivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informa ções e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autoriza ção para grava ção áudio; • Colocar à disposi ção das entrevistadas os resultados da investiga ção; • Agradecer a disponibilidade e a colabora ção.
Recolher dados acad émicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais s ão as suas habilita ções acad émicas? R: <i>12 ºano</i></p> <p>2- Quanto tempo tem de servi ço? R: <i>2 anos</i></p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: <i>2 anos.</i></p> <p>4- Participou em sess ões de forma ções no âmbito da implementa ção do curr ículo para a educa ção pr é-escolar? R: <i>Sim, mesmo aqui no Jardim, quando entrei foi o momento e que estavam a implementar o curr ículo então eu participei na forma ção aqui com Orientadoras e Supervisoras.</i></p>
Conhecer a experi ência da entrevistada com o novo curr ículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo curr ículo na educa ção pr é-escolar? R: <i>2 anos.</i></p>

<p>Compreender e caracterizar as percepções sobre a implementação do currículo da educação pr é-escolar..</p>	<p>6- Qual a sua opinião sobre o novo currículo?</p> <p>R: <i>Eu vejo que é um bom currículo, porque antes mesmo de entrar para o Jardim ouvia as pessoas dizerem que as crianças quando vêm para o Jardim só vêm brincar, cantar e não sei quê. Mas com a implementação do novo currículo mesmo os pais lá em casa já têm outra visão porque eles vêm que as crianças já vêm com conhecimento. Há crianças que já sabem escrever o seu nome, que conhecem os números e sabem contar. Então eu acho que esse currículo é um currículo bom é de louvar.</i></p> <p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p>R: <i>Eu entrei já com o currículo.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pr é-escolar onde trabalha?</p> <p>R: <i>É bom, esse currículo é bom porque a sala está organizada. Mesmo as crianças quando têm qualquer dificuldade têm os números na parede que elas podem olhar, identificar mesmo as letras alfabéticas. Há crianças que nós encontramos a discutir com a outra “essa é minha letrinha, esse é número três”. Há aquela discussão entre elas mesmas tentando decifrar os números e as letras.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p>R: <i>A maior dificuldade é na parte dos materiais e algumas actividades que aparecem e que não estão de acordo com a nossa realidade e temos que alterar.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos?</p> <p>R: <i>Sim, no momento de actividade da implementação do currículo, ou mesmo nos momentos livres, nós ajudamos as crianças que têm dificuldade.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas?</p> <p>R: <i>Sim, porque na escola quando alguém tiver dificuldade, mesmo se não for momento de planificação nós ajudamos umas às outras.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo?</p> <p>R: <i>Quando, por exemplo, eu vejo mães ou um grupo de pessoas a dizer “lá no Jardim vocês não trabalham, a criança só vai brincar... fazer isso fazer aquilo”; eu digo que não porque mesmo se vierem para o Jardim vão ver que as crianças sabem escrever o seu nome, reconhecem os números. A criança está</i></p>

mais à vontade, consegue falar normalmente com a pessoa; isso são os valores do currículo.

13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo?

R: Sim, por exemplo, nas planificações quando existe uma actividade em que podem para criar uma discussão e eu não concordo com alguma coisa, digo mesmo isso; e quando não me convencem tento buscar a medida que for satisfatória...Esse intercâmbio tem sido satisfatório.

14- O seu pélo promove formação contínua de modo a garantir situações de investigação – acção e de reflexão conjunta sobre a prática? Como?

R: Sim, uma vez

15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma?

R: Sim, por exemplo tem algumas colegas que quando têm dificuldade de fazer alguma actividade, que não entenderam podem – me sugestão, eu digo. Mesmo no plano pedagógico se tiverem dificuldades podem e se eu tiver à altura, eu explico.

16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porquê?

R: Sim, porque assim elas vão dizer-me as dificuldades que eu tenho e permite-me melhorar no meu serviço.

17- Costuma observar as aulas das suas colegas?

R: Sim, eu gosto, porque ganho conhecimento observando.

<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação?</p> <p>R: <i>Eu pretendo continuar minha formação na área da Pré-escolar. Tendo em conta que já tenho 12 º, licenciar ou fazer qualquer coisa na área da Pré-escolar, essa é a minha necessidade de formação continuar o meu estudo.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo?</p> <p>R: <i>Eu acho que é muito boa porque com essa supervisão nós vamos saber os pontos fracos que temos e permite-nos melhorar a nossa qualidade de serviço.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíram para a sua formação?</p> <p>R: <i>Ajuda... é no plano, ajudando a criar actividade. Eu fazia uma actividade muito curta, e elas disseram para prolongar mais a minha identificação no plano, eu tenho estado a fazer isso e tem sido bom.</i></p>
---	--

Opinião: Eu penso que o currículo é bom, é satisfatório. Esse currículo não deve acabar, deve ter continuidade e melhoramento. Há muitas actividades que repetem muitas vezes. As crianças dos 4 anos têm mais necessidade de escrita de nome, essas coisas e se a pessoa que estiver na sala não tiver essa agilidade de poder implementar essa escrita de nome sempre a criança acaba esquecendo essa parte que eu vejo que está desfavorecida.

N. ºda entrevista	5
Idade	36
G énero	Feminino
Faixa et ária que lecciona	4 Anos
Fun ção que desempenha	Auxiliar pedag ógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta ção • Solicitar a colabora ção do entrevistado; • Dar informa ção sobre o estudo e os objectivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informa ções e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autoriza ção para grava ção áudio; • Colocar à disposi ção das entrevistadas os resultados da investiga ção; • Agradecer a disponibilidade e a colabora ção.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais s ão as suas habilita ções acad émicas? R: <i>11 ºano. Fiz a forma ção de educadora e estou no 1 ºano da licenciatura.</i></p> <p>2- Quanto tempo tem de servi ço? R: <i>Trabalhei em um Jardim privado durante 5 anos e num estatal durante 6 anos.</i></p> <p>3- Há quantos anos se encontra a lecionar neste Jardim/ Creche? R: <i>Há 4 anos.</i></p> <p>4- Participou em sess ões de forma ções no âmbito da implementa ção do curr ículo para a educa ção pr é-escolar? R: <i>Sim, participei na forma ção das orientadoras no AISEC no Julho de ano passado.</i></p>
Conhecer a experi ência da entrevistada com o novo curr ículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo curr ículo na educa ção pr é-escolar? R: 4 anos</p>
Compreender e	<p>6- Qual a sua opini ão sobre o novo curr ículo? R: <i>A minha opini ão é que esse novo curr ículo é muito importante para o desenvolvimento da crian ça na medida em que a crian ça aprende brincando.</i></p>

<p>caracterizar as percepções sobre a implementação do currículo da educação pré-escolar.</p>	<p><i>Esse currículo dá muitas oportunidades de brincadeiras, mas nessas brincadeiras elas aprendem muito, vão partilhar suas habilidades, seus conhecimentos em diferentes contextos e convivências porque existem crianças de diferentes níveis sociais mas quando estão no jardim têm esse espaço de partilhar o seu conhecimento. Elas entrem ajudam-se, ensinam umas às outras. Esse currículo é muito bom, ajuda a criança a ampliar o seu nível de conhecimento.</i></p> <p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p><i>R: Provocou e muito. Antigamente limitávamo-nos só por exemplo, aos números que iam só até 10. Mas agora as crianças conhecem 20,30 mesmo até 50, conseguem identificar mesmo, o alfabeto também mesmo os 4 anos conseguem identificar todas as letras em qualquer contexto, em casa, na rua elas dizem aquela letra.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?</p> <p><i>R: Na organização, isso depende da sala espaço em que a sala está inserida porque há sala que é maior e há outra menor quando é muito pequena dificulta porque nós não podemos por todas as áreas com seu respectivo material eu por exemplo gostaria de fazer a minha sala em que cada canto tivesse um cantinho de cada área da pintura leitura mas a minha sala não facilita tenho que por as coisas na parede um pouco mais alto isso depende do espaço da sala em si.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p><i>R: Na minha opinião, os primeiros momentos em que trabalhei com o currículo, eu senti muita dificuldade porque existia actividades que eu não sabia como começar. Não sabia que as actividades eram adaptáveis à nossa realidade, pensava que tinham que ser feitas como vinha no currículo nas unidades...essa foi mais a minha dificuldade, tinha que tentar fazer como estava no currículo e alguns materiais que vinha na unidade para utilizar não havia então eu ficava meio embarrada em como desenvolver aquela actividade. Mas agora como já consegui adaptar-me, posso adaptar a minha realidade, consigo desenvolver todas as actividades.</i></p>

<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos?</p> <p>R: <i>Sim, quando nós temos actividades dos 4 anos, mesmo nas horas de actividade. Fora do plano quinzenal reunimos na hora de saída para discutir alguma actividade.</i></p> <p>11-Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas?</p> <p>R: <i>Sim, o meu colectivo aqui na Trindade porque há actividade que fazemos em colectivo. Cada um faz um pouco de tudo, todas as salas de 4 anos mas cada um fala um bocado da actividade que nós estamos a fazer, cada um dá a sua ideia partilha seu pensamento. Eu acho que há espírito de partilha, sim.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo?</p> <p>R: <i>Pesquisando, criando novos materiais, procurando novas informações para além daquela que obtemos durante a planificação, solicitar as pessoas que já trabalharam mais anos do que eu com currículo.</i></p> <p>13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo?</p> <p>R: <i>Participo sim, sempre que tiver planificação formamos grupos, vamos discutir actividades, principalmente, aquela actividade criada. Essa actividade criada nós discutimos depois chegamos a um consenso da actividade para depois divulgar para outros colegas portanto outros colegas fazem o mesmo em cada dia da semana. Cada grupo vai fazendo um dia de cada semana depois partilhamos isso tudo em conjunto, fazemos aula prática para demonstrar como vai ser a actividade.</i></p> <p>14- O seu p^{do} promove formação contínua de modo a garantir situações de investigação – acção e de reflexão conjunta sobre a prática? Como?</p> <p>R: <i>Sim, promove. Assim que entramos de férias em Julho sempre tem pequenas formações que dão durante as férias de Julho. Estamos sempre actualizando as formações como, por exemplo, estamos aqui cada uma orientadora ou supervisora vem ajudar-nos como resolver a actividade que nós não entendemos e algumas dificuldades que nós tivemos durante o ano lectivo. Mesmo nas visitas que elas fazem elas nos apoiam tirando algumas dúvidas. Quando termina a visita ela reúne conosco explica algumas actividades. Eu acho que isso é uma formação contínua, aprende-se todos os dias com isso.</i></p>
---	--

	<p>15-Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma?</p> <p>R: <i>Tenho apoiado sim, no momento da actividade colectiva ou, por exemplo, quando tenho uma colega menos experiente, eu associo a minha sala com a dela e fazemos a actividade em conjunto. Eu falo um pouco e a outra colega que tem essa dificuldade, fala tamb é um pouco daquilo que ela sabe; essa é a minha contribui ção.</i></p> <p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porqu é?</p> <p>R: <i>Eu sempre estou dispon ível. No momento de fazer a actividade, cada um fica na sua sala mas quando eu associo com a outra ela fica a observar como estou a fazer depois ela tamb é faz ou no dia seguinte posso convida-la tamb é n ós associamos de novo e ela come ça depois vou dando uma ajudinha para melhorar.</i></p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas?</p> <p>R: <i>costumo sim.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação?</p> <p>R: <i>A minha necessidade de formação nesse currículo é ter estar mais dentro do mesmo. Nesse momento estou fazendo uma licenciatura na AISEC, estou mais informada porque eu já não espero a formação cont íua de Agosto. A gente vai buscando formação sempre sempre que necessário, mesmo a orientadora quando estiver aqui eu pe ço a informação, mesmo que seja de uma actividade já passada por isso não tenho muita dificuldade de formação. Mas tendo uma formação participo a formação é sempre bem-vinda.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo?</p> <p>R: <i>Na minha opinião a supervisão é bem-vinda porque ajuda-nos a melhorar como lidar com a criança. A supervisão ajudou a melhorar o nosso plano do dia-a-dia e ajuda-nos tamb é a descrever o nosso plano porque às vezes quando não tem ningu é para ver-nos, mesmo que tem a coordenadora, ela “fecha um olho” e deixa passar algumas coisas. Mas com a supervisora é obrigatório fazer tudo, eu acho isso muito importante, eu acho uma boa iniciativa que a Pr é-escolar teve de arranjar supervisora.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíam para a sua formação?</p> <p>R: <i>Uma ajuda que recebi é nos planos, quando a supervisora observa, ela marca</i></p>

	<p><i>aquilo em que eu tenho mais dificuldades para eu melhorar. Tenho dificuldades nos planos diários porque há momentos em que desenvolvemos planos mas não ficam completos, nem fica de acordo com o que é para ser desenvolvido. Quando a supervisora observa ela vai demarcar, a acho que é uma ajuda para mim, para eu melhorar porque assim eu sei onde estou errada e o que está a faltar, eu vou complementar. Eu acho que nessa parte e na parte do material, também há momentos em que elas também vêm que estamos com dificuldades e elas participam na actividade e ajuda-nos a fazer actividade, acho que é só.</i></p>
--	---

Opinião: eu acho que faltou no currículo é na unidade de 5 anos. As crianças ficam com as letras, tem a letra bastão e a letra cursiva, essa letra cursiva vem até o terceiro período e elas ficam com muita dificuldade de deixar bastão passar para cursiva. Eu acho que pelo menos no segundo período deviam começar a escrever pode ser o nome para ver se elas se adaptam. Quando estão na primária elas não escrevem com letra cursiva escrevem mesmo com bastão. Eu tenho alguns alunos que foram para primária e que disseram ao Professor que escrevem com bastão e que lá para o meio do terceiro período é que começaram a habituar com essa letra cursiva.

N.º da entrevista	6
Idade	35
Género	Feminino
Faixa etária que lecciona	5 Anos
Função que desempenha	Auxiliar pedagógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação • Solicitar a colaboração do entrevistado; • Dar informação sobre o estudo e os objetivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autorização para gravação áudio; • Colocar à disposição das entrevistadas os resultados da investigação; • Agradecer a disponibilidade e a colaboração.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais são as suas habilitações académicas? R: <i>Nesse momento estou no terceiro ano de Licenciatura em Geografia no Instituto Superior Politécnico.</i></p> <p>2- Quanto tempo tem de serviço? R: <i>Quatro anos.</i></p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: <i>Quatro anos.</i></p> <p>4- Participou em sessões de formações no âmbito da implementação do currículo para a educação pré-escolar? R: <i>Sim, no período das férias. A Dona Dulce programa formações e seminários.</i></p>
Conhecer a experiência da entrevistada com o novo currículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo currículo na educação pré-escolar? R: <i>Há três anos, porque iniciei com crianças dos três anos e depois com as crianças dos quatro anos já com novo currículo.</i></p>

<p>Compreender e caracterizar as percepções sobre a implementação do currículo da educação pré-escolar.</p>	<p>6- Qual a sua opinião sobre o novo currículo?</p> <p>R: <i>Para mim esse novo currículo é bom, tem sido bastante vantajoso para as crianças e também para nós as Educadoras.</i></p> <p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p>R: <i>Sim, eu acho ele bem rentável.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?</p> <p>R: <i>Como já havia dito, novo currículo é bem rentável, mas tem muitas atividades, uma a seguir à outra e eu vejo que as crianças não têm espaço e tempo para brincadeiras. As crianças preferem mais brincadeiras do que ficar na sala de aula.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p>R: <i>A maior dificuldade é a introdução na escrita de palavra, nomes com letra cursiva, nesse caso, a letra de caderno, porque eu acho que a gente trabalha muito com a letra bastão, a letra de livro, e quando nós implementamos a letra de caderno. Eu penso que fica pouco espaço para elas habituarem com essa nova letra, nova forma de escrever.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos?</p> <p>R: <i>Bom, só no plano mesmo aos sábados.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas?</p> <p>R: <i>Sim, aqui no nosso centro pelo menos sempre que uma Técnica tem alguma dificuldade na implementação e realização de alguma atividade, ela chama outra colega ou outras colegas que trabalham com a mesma faixa etária no sentido de apoiar a superar as dificuldades e a partilhar ideias.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo?</p> <p>R: <i>Nas minhas atividades, como eu já havia dito, gosto do novo currículo e a forma como as atividades são apresentadas. Para valorizar o currículo eu realizo atividades em que as crianças conversam e tento, durante essa conversa, que as crianças falem mais sobre atividades que nós temos. Mesmo com os pais quando os pais vêm perguntar como estão as crianças, nós tentamos falar do currículo que estamos a utilizar. Agora tentamos sensibilizar os pais para saber também como é que as crianças lá em casa</i></p>

	<p><i>comportam.</i></p> <p>13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo?</p> <p>R: <i>Bom, o momento de conversa e debate é só durante o plano quinzenal; é o momento em que encontramos toda gente e de todos os centros. Nós conversamos sobre as atividades planificadas, quais as dificuldades encontradas e como superar as mesmas.</i></p> <p>14- O seu pólo promove formação contínua de modo a garantir situações de investigação – ação e de reflexão conjunta sobre a prática? Como?</p> <p>R: <i>Sim, essa formação tem o seu momento nas férias escolar onde desenvolvemos atividades com relação ao novo currículo e seminários relacionados com a prática pedagógica, sempre no sentido de melhorar a prática na sala de aula.</i></p> <p>15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma?</p> <p>R: <i>Sim, principalmente as colegas no início da carreira, que não estão dentro do currículo e pedem ajuda. Mesmo se não pedirem ajuda, eu procuro ajudar tentando saber até que ponto a pessoa entende do assunto e depois tento ajudar da melhor forma possível com exemplos práticos.</i></p> <p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porquê?</p> <p>R: <i>Não, normalmente as atividades são feitas e pronto nunca houve nenhuma colega que quisesse ir para minha sala assistir uma atividade ou outra.</i></p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas?</p> <p>R: <i>Bom, já fiz isso sim.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação?</p> <p>R: <i>Preciso sim, necessito de formação no campo da liderança e da psicologia das crianças. Estar habilitada para lidar com as crianças de forma mais simples e segura. Reconheço em mim a dificuldade para lidar com o comportamento das crianças que perturbam o desenvolvimento das atividades na sala de aula.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efetuada ao longo deste processo?</p> <p>R: <i>A supervisão pra mim é boa, é necessária porque as Técnicas quando vão para o plano quinzenal, planificam as atividades e nós pensamos que</i></p>

	<p><i>entendemos. Mas quando chega no terreno nós vamos implementar da forma que nós entendemos e quando as Técnicas vêm, às vezes, há uma ou outra actividade que a gente faz e que não é bem assim. Fica a faltar assim debruçar sobretudo sobre outras.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíam para a sua formação?</p> <p><i>R: Como eu já havia dito é nesse sentido de área de trabalhar bem as áreas que estão nas actividades e também o comportamento das crianças que perturbam a aula.</i></p>
--	---

Opinião: Para finalizar eu só gostaria de agradecer também as Técnicas e as supervisoras que vêm aqui ter conosco nos centros quer para acompanhar-nos, que para acompanhar o nosso trabalho. E também quero pedir que na implementação do novo currículo, que a escrita de palavra de nomes com letra de caderno, letra cursiva, seja implementada um pouco mais cedo e não já no fim das actividades.

N.º da entrevista	7
Idade	
Género	Feminino
Faixa etária que lecciona	4 Anos
Função que desempenha	Auxiliar pedagógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação • Solicitar a colaboração do entrevistado; • Dar informação sobre o estudo e os objectivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autorização para gravação áudio; • Colocar à disposição das entrevistadas os resultados da investigação; • Agradecer a disponibilidade e a colaboração.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais são as suas habilitações académicas? R: <i>11º ano.</i></p> <p>2- Quanto tempo tem de serviço? R: <i>Quatro anos.</i></p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: <i>Dois anos lectivos.</i></p> <p>4- Participou em sessões de formações no âmbito da implementação do currículo para a educação pré-escolar? R: <i>Não.</i></p>
Conhecer a experiência da entrevistada com o novo currículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo currículo na educação pré-escolar? R: <i>Um ano.</i></p>
Compreender e	<p>6- Qual a sua opinião sobre o novo currículo? R: <i>Para mim é um bom currículo.</i></p>

<p>caracterizar as percepções sobre a implementação do currículo da educação pré-escolar.</p>	<p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais? R: <i>Sim, provocou na forma de trabalhar com as crianças.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha? R: <i>Melhorou.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo? R: <i>É que antes eu trabalhava diferente mais agora com o novo currículo trabalha-se melhor.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos? R: <i>Não, não.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas? R: <i>Também não.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo? R: <i>Trabalhar mais, uma vez já fui falar com os pais.</i></p> <p>13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo? R: <i>Sim, reunião e encontro.</i></p> <p>14- O seu p.d.o promove formação contínua de modo a garantir situações de investigação – ação e de reflexão conjunta sobre a prática? Como? R: <i>Eu costumo ir para o Jardim Pimpolho ver algumas coisas e aqui também porque eu trabalho em Santa Catarina..</i></p> <p>15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma? R: <i>Sim, eu trabalho com uma colega, as dificuldades são superadas através da colaboração entre colegas.</i></p>

	<p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porqu ê?</p> <p>R: <i>Sim.</i></p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas</p> <p>R: <i>Sim.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação?</p> <p>R: <i>Ter mais formação na pedagogia.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo?</p> <p>R: <i>São boas e necessárias para resolver as dificuldades e ajudar na solução.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíam para a sua formação?</p> <p>R: <i>Por exemplo na planificação eu tinha dificuldade no plano diário, eu solicito elas explicam como fazer, também algumas canções que eu não sei elas ajudam.</i></p>

Opinião: Para mim o currículo é bom. Fez-me aprender muita coisa, quando comecei a trabalhar não tinha assim muita informação, muita prática. Estive em Lembá 2 anos e depois transferiram-me para Nova Esperança e com esse novo currículo aprendi muita coisa.

N. ºda entrevista	8
Idade	60
Género	Feminino
Faixa et ária que lecciona	5 Anos
Fun ção que desempenha	Auxiliar pedag ógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta ção • Solicitar a colabora ção do entrevistado; • Dar informa ção sobre o estudo e os objectivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informa ções e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autoriza ção para grava ção áudio; • Colocar à disposi ção das entrevistadas os resultados da investiga ção; • Agradecer a disponibilidade e a colabora ção.
Recolher dados acad énicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais s ão as suas habilita ções acad énicas? R: 8 ºclasse.</p> <p>2- Quanto tempo tem de servi ço? R: <i>Eu tenho 34 anos de servi ço, mas onde estou no Jardim é 20 anos.</i></p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: <i>20 anos na creche de Diogo Vaz.</i></p> <p>4- Participou em sess ões de forma ções no âmbito da implementa ção do curr ículo para a educa ção pr é-escolar? R: <i>Fui para o Centro de Forma ção do Brasil fazer forma ção de computador. Tamb én estive em algumas forma ção e alguns semin ário.</i></p>
Conhecer a experi ência da entrevistada com o novo curr ículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo curr ículo na educa ção pr é-escolar? R: <i>Desde 2015.</i></p>
Compreender e caracterizar as	<p>6- Qual a sua opini ão sobre o novo curr ículo? R: <i>É bom trouxe mais conhecimento, e mais din âmico.</i></p>

<p>percepções sobre a implementação do currículo da educação pré-escolar</p>	<p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p>R: <i>Foi bom também, quando estou com algumas dificuldades pergunto às Supervisoras e Orientadoras.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?</p> <p>R: <i>No 7º currículo, eu tinha algumas dificuldades em relação ao conteúdo planeta.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p>R: <i>As supervisoras e orientadora dão as ajudas necessárias na superação das dificuldades, assim como interagidas entre colegas na realização de atividades.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos?</p> <p>R: <i>Eu trabalhei sozinha, com as crianças de 5 anos.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas?</p> <p>R: <i>Trabalhei sozinha, como trabalho num coletivo de 5 anos as dificuldades são superadas nas reuniões de planificação metodológica e também com colegas do coletivo.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo?</p> <p>R: <i>Não.</i></p> <p>13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo?</p> <p>R: <i>Sim.</i></p> <p>14- O seu p.d.o. promove formação contínua de modo a garantir situações de investigação – ação e de reflexão conjunta sobre a prática? Como?</p> <p>R: <i>Não.</i></p>

	<p>15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma? R: <i>Sim, eu apoio todas as salas porque sou a Responsável e a mais velha.</i></p> <p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porquê? R: <i>As colegas não têm tempo para observar a minha sala, quem observa a minha sala são as Orientadoras, que fazem visitas, orientam, e vêem o plano diário.</i></p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas? R: <i>Sim as aulas dos 3 e 4 anos, eu observo, porque sou a Responsável.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação? R: <i>Língua portuguesa, Matemática. Mas eu acho que a minha idade já não é para formação, estou velha, quase a ir para casa.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo? R: <i>Eu quero que continue, com isso ganha-se mais experiência porque anteriormente era diferente, agora o currículo está mais aberto, já temos mais conhecimento.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíram para a sua formação? R: <i>Ela ajuda nas planificações das dificuldades que eu tenho, por exemplo na altura de jogos, linguagem como deve-se expressar com as crianças, fazer jogos, canções novas nós não temos canções novas só canções de antigamente, por acaso esse currículo foi bom para mim.</i></p>

Opinião: Eu acho que foi bom, que esse currículo continue mesmo quando eu sair, que as outras continuem. Só posso dizer que, como tenho pouca habilitação, as coisas que vêm agora têm mais habilitação mais conhecimento não são iguais a mim, esse currículo ajuda muito.

N.º da entrevista	9
Idade	62 Anos
Género	Feminino
Faixa etária que lecciona	5 Anos
Função que desempenha	Educadora de Infância

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar • Solicitar a colaboração do entrevistado; • Dar informação sobre o estudo e os objetivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autorização para gravação áudio; • Colocar à disposição das entrevistadas os resultados da investigação; • Agradecer a disponibilidade e a colaboração.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais são as suas habilitações académicas? R: 9ª classe.</p> <p>2- Quanto tempo tem de serviço? R: 40 anos.</p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: 20 anos.</p> <p>4- Participou em sessões de formação no âmbito da implementação do currículo para a educação pré-escolar? R: Não.</p>
Conhecer a experiência da entrevistada com o novo currículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo currículo na educação pré-escolar? R: Um ano.</p>
Compreender e caracterizar as percepções sobre a	<p>6- Qual a sua opinião sobre o novo currículo? R: É uma coisa boa, uma coisa nova.</p>

<p>implementação do currículo da educação pré-escolar</p>	<p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p>R: <i>Provocou sim, tendo em conta que dá mais vontade. Para apresentar um trabalho temos que fazer materiais no âmbito da construção de matérias com mais matérias...As crianças aprendem melhor.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?</p> <p>R: <i>O meu ponto de vista a sala já não fica preenchido com muitos materiais só tem as coisas mais precisas que as crianças precisam para aprender mais ou menos é isso.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p>R: <i>Dificuldade é na construção de materiais que leva muito tempo ou então você tem que preparar isso em casa depois para trazer para aula.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No Jardim que trabalha existe momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos?</p> <p>R: <i>Fazemos isso na planificação depois de terminar as aulas.</i></p> <p>11- Sente-se que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas?</p> <p>R: <i>Acho que existe.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo?</p> <p>R: <i>Para valorizar o currículo a estratégia que eu uso muitas vezes é a conversa com a criança e mostrar os trabalhos da criança aos pais.</i></p> <p>13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo?</p> <p>R: <i>No momento de planificação nós fazemos debates... essas coisas todas.</i></p> <p>14- O seu papel promove formação contínua de modo a garantir situações de investigação – ação e de reflexão conjunta sobre a prática? Como?</p> <p>R: <i>Aqui não, só aos sábados, nas planificações.</i></p>

	<p>15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma?</p> <p>R: <i>Eu apoio, sim. As colegas que pedem-me, eu apoio. Às vezes nos trabalhos que as pessoas não percebem, eu ajudo mesmo a pessoa que trabalha comigo. Na sala existe intercâmbio, mas como é a primeira vez que eu trabalho com esse currículo e não estou assim muito dentro dele.</i></p> <p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porquê?</p> <p>R: <i>Disponibilizei, por exemplo, às supervisoras orientadoras. Às colegas não porque cada uma está na sua sala.</i></p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas?</p> <p>R: <i>Às vezes eu observo sim. Principalmente, os trabalhos das crianças porque é uma coisa nova para mim.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação?</p> <p>R: <i>É saber mais sobre o currículo.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo?</p> <p>R: <i>É bastante bom, é uma coisa boa que deveria continuar. Acho que elas também devem ter mais formação para nos ajudar.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíram para a sua formação?</p> <p>R: <i>Nas planificações e visitas.</i></p>

Opinião: É bastante bom, é diferente. É uma coisa que ajuda bastante as crianças a entenderem, compreenderem através de materiais, da construção de materiais. Gostei se bem que já estou na idade de reforma.

N. °da entrevista	10
Idade	41
G énero	Feminino
Faixa et ária que lecciona	5 Anos
Fun ção que desempenha	Auxiliar pedag ógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresenta ção • Solicitar a colabora ção do entrevistado; • Dar informa ção sobre o estudo e os objectivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informa ções e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autoriza ção para grava ção áudio; • Colocar à disposi ção das entrevistadas os resultados da investiga ção; • Agradecer a disponibilidade e a colabora ção.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais s ão as suas habilita ções académicas? R: 12 °ano</p> <p>2- Quanto tempo tem de servi ço? R: 16 anos.</p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: 3 anos.</p> <p>4- Participou em sess ões de forma ções no âmbito da implementa ção do curr ículo para a educa ção pr é-escolar? R: Não.</p>
Conhecer a experi ência da entrevistada com o novo curr ículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo curr ículo na educa ção pr é-escolar? R: 2 anos</p>
Compreender e	<p>6- Qual a sua opini ão sobre o novo curr ículo?</p>

<p>caracterizar as percepções sobre a implementação do currículo da educação pré-escolar</p>	<p>R: <i>Acho uma boa iniciativa. Na minha opinião o português escrito é que não combina com a nossa linguagem. Há actividades que não têm a ver com a nossa realidade, fora disso é uma boa iniciativa, tudo novo é bom.</i></p> <p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p>R: <i>Até demais... Mais motivação, mais criatividade porque através desse currículo há muita coisa que a gente pode fazer e que não se fazia, mas agora nós fazemos, muitas, muitas mesmo.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?</p> <p>R: <i>Por exemplo, as coisas que nós criamos com as crianças, ela em si sente-se motivada. Na sala os materiais que colocamos na parede chamam atenção delas</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p>R: <i>Não vejo.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos?</p> <p>R: <i>Sim, existe.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas?</p> <p>R: <i>Sim, quando há actividades que eu vejo que não estou a entender, chamo os outros colegas e coloco o problema.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo?</p> <p>R: <i>Várias mesmo... com a criança, com a comunidade... muitas, muitas.</i></p> <p>13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo?</p> <p>R: <i>Sim, sim, por exemplo, existem actividades que outros colegas acham que é cansativo para as crianças mas elas gostam.</i></p> <p>14- O seu plano promove formação contínua de modo a garantir</p>

	<p>situações de investigação – a ação e de reflexão conjunta sobre a prática? Como?</p> <p>R: Não.</p> <p>15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma?</p> <p>R: Sim, por exemplo, no caso das áreas, quando damos o currículo existe uma área para criar se as colegas têm dificuldade nisso eu apoio, como eu sei dessas áreas, eu apoio.</p> <p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porquê?</p> <p>R: Já por exemplo colega que já trabalharam com currículo antes de mim e estão no mesmo centro comigo eu chamo ela para ver se é assim mesmo que eu posso implementar isso.</p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas?</p> <p>R: Já várias vezes. Eu observo e se tiver alguma coisa em que posso ajudar, ajudo.</p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação?</p> <p>R: Queria ser educadora, tentei mais não consegui.</p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo?</p> <p>R: Acho que é boa, inicialmente, nos anos anteriores era diferente, não havia Supervisores para acompanhar e tirar dúvidas; as pessoas tinham dúvidas e continuavam com dúvidas.</p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíam para a sua formação?</p> <p>R: Por exemplo, eu punha as crianças a cantarem sentadas e a Supervisora disse que não. Outra coisa é a criatividade, deixar as crianças falarem.</p>

Opinião: (nada a apontar)

N.º da entrevista	11
Idade	25
Género	Feminino
Faixa etária que lecciona	4 Anos
Função que desempenha	Auxiliar pedagógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação • Solicitar a colaboração do entrevistado; • Dar informação sobre o estudo e os objetivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autorização para gravação áudio; • Colocar à disposição das entrevistadas os resultados da investigação; • Agradecer a disponibilidade e a colaboração.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais são as suas habilitações académicas? R: 12º ano.</p> <p>2- Quanto tempo tem de serviço? R: 2 anos.</p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: 2 anos.</p> <p>4- Participou em sessões de formações no âmbito da implementação do currículo para a educação pré-escolar? R: Não.</p>
Conhecer a experiência da entrevistada com o novo currículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo currículo na educação pré-escolar? R: 1 ano.</p>
Compreender e caracterizar as percepções sobre a implementação do currículo	<p>6- Qual a sua opinião sobre o novo currículo? R: <i>Esse currículo é mais sensível, ajuda mais os conteúdos, as atividades. As coisas vêm mais claras, dá-se umas dicas para se poder raciocinar mais.</i></p>

<p>da educação pré-escolar</p>	<p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais?</p> <p>R: <i>Provocou alteração sim, para melhor. Deu-me mais ânimo. Existem actividades que os 3 anos não faziam mas os de 4 anos fazem.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha?</p> <p>R: <i>Não, nos 4 anos é tudo diferente.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo?</p> <p>R: <i>Sinto mais dificuldades em actividades que são para ser criadas.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos?</p> <p>R: <i>Sim.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas?</p> <p>R: <i>Sim.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo?</p> <p>R: <i>Investigação, fazer leitura, converso com os Pais e Encarregado de Educação.</i></p> <p>13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo?</p> <p>R: <i>Sim.</i></p> <p>14- O seu pólo promove formação contínua de modo a garantir situações de investigação – ação e de reflexão conjunta sobre a prática? Como?</p> <p>R: <i>Nas férias.</i></p>

	<p>15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma? R: <i>Sim, nas dúvidas, mesmo actividades.</i></p> <p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porquê? R: <i>Sim, nos momentos de dificuldade eu chamo uma colega para assistir, para ver se estou a ir bem . Assim qualquer coisa que notarem para dão-me apoio.</i></p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas? R:<i>Sim.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação.</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação? R: <i>Sim, Matemática e Meio Físico e Social.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo? R: <i>É boa. O Supervisor vem e ajuda muito. Ele tem estado a acompanhar as pessoas. Em todas as visitas que fazem, eles esclarecem as dúvidas que nós temos, também dão opinião das actividades. Às vezes, nós fazemos actividades e eles dão outra opinião que ajuda também.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíram para a sua formação? R: <i>Eu estava a falar sobre poema e e senhor Hélder deu-me uma opinião que eu podia falar, abranger mais o tema, falar sobre os poetas, autores.</i></p>

Opinião: (nada a apontar)

N.º da entrevista	12
Idade	54
Género	Feminino
Faixa etária que lecciona	5 Anos
Função que desempenha	Auxiliar pedagógico

OBJETIVOS	QUESTÕES
Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar • Solicitar a colaboração do entrevistado; • Dar informação sobre o estudo e os objetivos da entrevista; • Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato das entrevistadas. • Solicitar autorização para gravação áudio; • Colocar à disposição das entrevistadas os resultados da investigação; • Agradecer a disponibilidade e a colaboração.
Recolher dados académicos e profissionais do entrevistado	<p>1- Quais são as suas habilitações académicas? R: 9 ª classe.</p> <p>2- Quanto tempo tem de serviço? R: 25 anos.</p> <p>3- Há quantos anos se encontra a leccionar neste Jardim/ Creche? R: 4 anos.</p> <p>4- Participou em sessões de formações no âmbito da implementação do currículo para a educação pré-escolar? R: Sim.</p>
Conhecer a experiência da entrevistada com o novo currículo	<p>5- Há quanto tempo trabalha com o novo currículo na educação pré-escolar? R: 2 anos.</p>
Compreender e caracterizar as	<p>6- Qual a sua opinião sobre o novo currículo? R: Currículo é bom. Os 4 e 5 anos quase têm praticamente as mesmas atividades.</p>

<p>percepções sobre a implementação do currículo da educação pré-escolar</p>	<p>7- Provocou alterações no seu modo de trabalhar com as crianças? Quais? R: <i>Provocou sim, antes trabalhávamos de uma maneira. Agora que estamos a acompanhar o currículo tornou-se um pouco mais difícil mas com tempo já adaptamos... quer dizer, eu já adaptei-me.</i></p> <p>8- Quais as implicações do novo currículo na organização do contexto da sala de pré-escolar onde trabalha? R: <i>Não houve implicações, só houve melhoria nas salas.</i></p>
<p>Identificar dificuldades e aspetos positivos sentidos na operacionalização do currículo no contexto de prática pedagógica</p>	<p>9- Na sua opinião quais são as maiores dificuldades na implementação do currículo? R: <i>A dificuldade é mais na construção dos materiais, porque sem aqueles materiais o currículo não funciona.</i></p>
<p>Identificar se existe apoio na implementação do currículo e de que tipo</p>	<p>10- No seu Jardim existem momentos com objectivo de promover a implementação do currículo? Dê alguns exemplos? R: <i>Sim, existem momentos em que sentamos a conversar sobre o currículo, para ver como melhorar, como conseguir fazer as crianças perceber melhor. Pensar no que podemos fazer para ajudar as crianças com dificuldades.</i></p> <p>11- Sente que existe pensamento positivo e ou espírito de grupo na implementação do currículo? E uma visão partilhada dos problemas? R: <i>Sim.</i></p> <p>12- Quais são as estratégias que utilizam para valorizar o currículo? R: <i>A estratégia que mais ou menos utilizo com as crianças é a seguinte: façam-as entender o currículo. Quanto às pessoas que trabalham comigo, anteriormente, falávamos de uma coisa mas agora de uma coisa nós tiramos as outras e falamos de muitas coisas relacionadas... É uma mais-valia.</i></p> <p>13- Está habituada a participar em momentos de debate e discussão de experiências com os colegas? Em que situações? Considera que foi produtivo? R: <i>Sim, mesmo no Jardim, nas horas vagas quando nós fazemos planificações juntas, depois do trabalho.</i></p> <p>14- O seu pólo promove formação contínua de modo a garantir situações de investigação – ação e de reflexão conjunta sobre a prática? Como? R: <i>Sim, de vez em quando marcamos uma tarde em que toda a gente fica para discutir aquilo que as pessoas acharam que é muito difícil para entrar num</i></p>

	<p><i>acordo.</i></p> <p>15- Tem por hábito apoiar os colegas mais inexperientes ou com mais dificuldades? De que forma? R: <i>Sim, uma colega quando tem dificuldade desde que ela exponha sua dificuldade, eu oriento da maneira que percebi.</i></p> <p>16- Já alguma vez se disponibilizou para que as suas aulas fossem observadas pelas suas colegas? Porquê? R: <i>Já</i></p> <p>17- Costuma observar as aulas das suas colegas R: <i>Sim.</i></p>
<p>Compreender de que modo o processo de supervisão dá ou não resposta às necessidades de formação</p>	<p>18- Quais são as suas necessidades de formação? R: <i>Mediante o currículo, sim. Se houver alguma formação, preciso. Nunca é demais, a pessoa não sabe tudo.</i></p> <p>19- Qual a sua opinião sobre a supervisão que é efectuada ao longo deste processo? R: <i>É positiva.</i></p> <p>20- Pode dizer dois tipos de ajuda que recebeu durante a supervisão e que contribuíam para a sua formação? R: <i>Sim, posso. Houve um momento em que Supervisor estava a acompanhar e eu estava a falar de animais com animais vivos, sem desenhos e ele sugeriu que na próxima vez também tivesse desenhos e gravuras; assim aprendi mais.</i></p>

Opinião: O currículo foi uma coisa bem implementada. Eu gostei. Só acho que os 5 anos deveriam ter mais conteúdo que os 4 anos.

Anexo I

Link Web Site 1:

<https://drive.google.com/drive/folders/0B0z7epjKHL02ckF3X21CR2NvTVU>

No link acima poderá consultar os Guias Pedagógicos do currículo do Educação Pré-Escolar de S. Tomé e Príncipe.